

Fernanda da Silva Corrêa

Winnicott e a Educação Natural:
A criança e a escola maternal

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Mestrado em Educação da Faculdade de Educação, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação, sob a orientação do Dr. Claudio Almir Dalbosco.

Passo Fundo

2011

Dedico esta dissertação especialmente a meu filho
Léo, que foi o grande inspirador deste trabalho.

Agradeço a compreensão da família e do apoio que foi depositado a mim para a construção deste trabalho, bem como a dedicação e paciência de meu orientador professor Cláudio Almir Dalbosco.

“[...] há uma categoria de pessoas que estudam o comportamento infantil e deixam de lado a motivação inconsciente e a relação entre o comportamento e o conflito dentro da pessoa[...] estou interessado no desenvolvimento do ser humano, dentro do contexto familiar e social”. (WINNICOTT, 2005, p.137).

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo discutir como se dá o ingresso da criança de zero a dois anos no contexto escolar, baseado nas teses de Donald Wood's Winnicott, considerado por muitos no campo da educação e da psicanálise um autor contemporâneo. Também o que se quer explicitar dentre suas principais idéias, é o que o autor pensa em relação à educação infantil e a relação com a família (mais precisamente com a mãe) e ao que a família e escola devem seguir para um bom relacionamento com o profissional da educação (professora). Dentre vários conceitos, o que norteia a pesquisa é o de Natureza Humana, o qual o autor explica abrangendo os conceitos de *mãe suficientemente boa* e *holding* seguindo uma educação natural e o agir pedagógico do profissional de educação através do brincar inserido ao contexto familiar da criança. Ele utiliza o termo escola maternal ao invés de educação infantil. O estudo recompõe o conceito de *mãe suficientemente boa, ambiente acolhedor ou satisfatório* e *holding* entre mãe e filho. Além disso investiga a relação educador-educando entre crianças na idade de zero aos dois anos de idade e como a professora aceita essas questões, para então, abordar os aspectos lúdicos e a relação com a professora da escola maternal. Por último são expostos os aspectos positivos e negativos desse ingresso da criança ao contexto escolar frente à mulher no universo do trabalho.

Palavras-chave: Natureza humana; mãe suficientemente boa; escola maternal; brincar; educador e educando.

ABSTRACT:

The present work aims to discuss report was the child's entry from zero to two years in the school context based on the thesis of Donald Winnicott, considered by many in the field of education and psychoanalysis a contemporary author. Also explain what you want out of their main ideas, is what the author thinks of child education and family relations (more precisely with the mother) and that the family and school must go to a good relationship with the professional education (teacher). Among different concepts wich guides the research is to Human Nature, wich the author explains encompasses the concepts and good enough mother holding following a natural education and act professional pedagogical education through play entered to family child. He uses the term nursery school instead of kindergarten. The study puts the concept of good enough mother, warm and satisfying, and holding between mother and child. Also investigates the relationship between teacher-student children aged zero to two years of age how the teacher accepts these questions,then,to address the ludic aspects of the child's admission to the school context front of the woman in the world of work.

Keywords: Human Nature; good enough mother, nursery school, play, educator and student.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1- RELAÇÃO MÃE-FILHO PARA WINNICOTT.....	12
1.2- Considerações sobre a relação mãe-filho.....	12
1.3- O desenvolvimento do bebê durante a fase de <i>holding</i>	13
1.4- A mãe como provedora de um ambiente satisfatório nas fases iniciais da vida com seu filho.....	15
1.5- O bebê como uma <i>organização em marcha</i>	19
1.6- As contribuições entre pais e sociedade.....	21
1.7- Socialização sobre a visão winnicottiana.....	25
2- RELAÇÃO EDUCADOR-EDUCANDO E AS CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	27
3- BRINCADEIRA E O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA.....	42
3.1- O brincar como atividade criativa em busca do eu (<i>self</i>).....	44
3.2- O significado do brincar na vida da criança.....	46
3.3- O lúdico na vida escolar da criança.....	48
4- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS.....	59

INTRODUÇÃO

A importância que a educação exerce em nossas vidas é fundamental. Desde o nascimento é uma das principais raízes da construção da vida de um ser humano para que se torne cidadão independente, tanto a ensinada pela família como a educação que é ensinada através da escola.

A principal motivação que me levou a optar pela escolha do tema de pesquisa é o interesse em investigar sobre uma vivência minha, que foi exatamente a maternidade e o ingresso de meu filho no contexto escolar nessa idade. Quando comecei a estudar no mestrado em educação ele estava com um ano de idade. Então precisava procurar o apoio da escola nos momentos em que tinha de frequentar as aulas. Só que a questão não era simplesmente colocá-lo em uma escola, mas optar por uma que fosse representar a ele uma extensão dos momentos que ficava em casa, só que agora convivendo com outras crianças e outra pessoa como referência educacional. Nesse momento em que precisei dispensar meus cuidados para que ele então ficasse sob os cuidados de uma profissional de educação infantil, a preocupação crucial era como isso seria em sua vida. No começo, tive muitas dúvidas, fiquei dividida pensando como seria para todos nós essa experiência. Muitas angústias vieram e a vontade de entendê-las racionalmente me levaram a esclarecer perguntas unindo o “útil ao agradável”, fazendo disso meu tema de investigação de dissertação do mestrado. Levei a hipótese a meu orientador que pensou ser pertinente dando resposta positiva quanto ao autor escolhido, Donald Winnicott, já que é um psicanalista que conhecia desde a graduação.

Então comecei a me apropriar da literatura de Winnicott mais aprofundadamente e, ao mesmo tempo, fui ficando bastante empolgada com a investigação, pois pouco se encontra a respeito do ingresso de crianças ainda em idade tão precoce no contexto escolar. Penso que assim como eu, muitas mães e pais modernos tem dúvidas quanto a esse tipo de vivência que atualmente está se tornando cada vez mais freqüente na vida da maioria das famílias. Muitas preocupações ficam ao pensar se essa atitude é ou não correta em termos do desenvolvimento infantil. Se uma mulher for uma boa mãe comum, é natural que se tenha dúvidas se a criança encontra problemas no momento em que deixa de passar integralmente sua rotina em família e passa a conviver com “um adulto estranho” e outras crianças da mesma faixa etária semanalmente em um ambiente diferenciado em relação ao de sua casa. Conseqüentemente, terá de seguir um modelo diferenciado com as “regras” deste novo espaço.

Winnicott foi um autor bastante interessante, pois minha dúvida não era em relação ao que meu filho estava “aprendendo” ou iria aprender, mas sim como ele responderia a essa vivência de dividir a rotina da casa com a escola, sem que isso causasse desconforto emocional a ele. Visitei algumas escolas de educação infantil e escolhi a que mais se adequava a um convívio saudável, psicologicamente falando. Um lugar onde se sentisse à vontade e, ao mesmo tempo, feliz e não como se estivesse sendo abandonado, tornando uma experiência traumática em sua vida. Creio que muitos pais possuem a mesma preocupação.

Portanto, serão tratadas neste trabalho as teses levantadas por Donald Wood’s Winnicott no que concerne ao campo da educação escolar, relacionando a primeira infância com o papel que os pais desempenham na formação do indivíduo. Tomamos isso como principal núcleo de uma boa relação deste indivíduo como criança com o educador, nesse caso a professora¹, já que o autor aborda a figura desta pensando em sua formação para que seja bem conduzida posteriormente, na vida em sociedade.

Para atingir esta meta, investigamos as ideias que o autor nos trouxe no campo da educação da criança na primeira infância, mais precisamente, na idade do nascimento aos dois anos de idade. Também nos dedicamos aos cuidados do adulto (incluindo a família e a escola maternal) e nos apoiamos em fontes do trabalho pedagógico que também entra como parte nessa etapa nova de vida psíquica da criança. Trata-se de investigar os cuidados dispensados pela mãe e como a educadora entra auxiliando nessa assistência necessária para a formação de um futuro cidadão, sem que suas etapas de vida naturais sejam desrespeitadas.

Em síntese, o problema de investigação é formulado do seguinte modo: Qual é o papel do (a) educador (a) nessa “ausência” muitas vezes necessária dos pais, e como conduzir a educação da criança nessa etapa tão inicial da forma mais natural possível?

Winnicott vê na infância um período que vai além das necessidades físicas. Por isso, ele buscou formação psicanalítica, percebendo que em seu trabalho de médico pediatra ainda ficavam muitas lacunas a serem preenchidas. Em suas teses, defende que precocemente o mundo do bebê já se constitui de emoções e afetos.

Este é o núcleo central da discussão do trabalho e os pontos a serem clarificados. Para isso, buscamos tomar como base leituras das obras de Donald Wood’s Winnicott, dentre elas: *Os Bebês e suas Mães*(2006); *Tudo começa em casa*(2005); *A criança e o seu mundo*(1977);

¹ Professora porque naquela época as mulheres é que trabalhavam diretamente no papel de educadoras, apesar de me apropriar do termo educador. Educador num sentido genérico, querendo referir-me à professora ou ao professor. Não foram encontrados dados em leituras da figura masculina como educador infantil, pelo menos com crianças nesta faixa etária de zero a dois anos.

O Brincar e a realidade(1975); *Natureza Humana*; *O Ambiente e os processos de Maturação*(1985) e *Winnicott: O trabalho e o brincar*(1977). Também recorremos a autores da literatura secundária, a serem citados na bibliografia.

O método que empregamos em nossa pesquisa está de acordo com as raízes da postura hermenêutica, onde se procura reter indicações metodológicas que possam orientar a relação entre leitor e texto escrito, buscando a importância de se colocar no lugar do autor (na posição do outro), para poder entendê-lo com base em sua tessitura e argumentação interna. Além disso, buscamos manter de tal postura a tese de que o sentido é subjacente à produção textual e, com ele, o próprio ato interpretativo é resultado de um determinado contexto sócio-cultural que demarca o enraizamento dos sujeitos na história.

Segundo Cruz (2010, p.18), o sentido do diálogo hermenêutico significa uma indagação, ou mesmo problematização, sobre a contribuição para pensarmos em processos formativos. Em suas próprias palavras:

Temos em mente ainda que todo o trabalho de pesquisa exige do pesquisador a delimitação suficiente do que pretende investigar, a fim de que possa percorrer seu caminho de forma precisa e coerente, exigência esta que, localizada no universo da hermenêutica, adquire forte aceção. Por isso, devemos estar inteirados a respeito de nosso lócus em meio a esse universo de amplitudes gigantescas (CRUZ, 2010, p.18).

Definida a hermenêutica, de modo geral, como teoria ou filosofia da interpretação do sentido, significa expressar, interpretar o que pode ser entendido como mediação de sentido. Justifica-se, portanto, que a ideia de que o objeto da hermenêutica é a compreensibilidade do sentido, crescendo cada vez mais a tendência, principalmente no âmbito das ciências humanas, de lançar mão dos procedimentos interpretativos.

Antes de abordar na pesquisa propriamente dita, penso que seria pertinente descrever algumas informações da vida do autor, já que para alguns da área da educação sua história pode ser desconhecida. Donald Wood's Winnicott (1896-1971) foi um médico pediatra inglês que buscou formação psicanalítica, após perceber que somente a medicina não dava suporte aos mais de 60.000 bebês que ele tratou, fundando sua própria escola, baseada em observações dos mesmos, incluindo as famílias (mães, pais e avós).

No primeiro capítulo vamos abordar a relação entre mãe e filho, desde o momento em que o bebê na condição de lactente não está separado do mundo da mãe, até se tornar uma

criança e, futuramente, um indivíduo. Posteriormente, trataremos de alguns conceitos que Winnicott desenvolve para compreender este período, especialmente, a partir do conceito de natureza humana, que ele procura explicar a partir dos conceitos de mãe suficientemente boa e ambiente facilitador através de um bom *holding*. Estes aspectos são explicitados a partir da relação inicial que a mãe tem com seu filho, pois esse período é muito importante para o autor.

No segundo capítulo serão identificados aspectos da relação entre educador (professora) e educando na fase inicial da vida da criança. Aí iremos abordar o período em que a criança já passou pelos primeiros cuidados maternos e então adentra no contexto escolar. Iremos considerar como será essa fase tão importante para o desenvolvimento social e psíquico da criança, quando é deixada sob os cuidados da professora, a qual precisa entender essa fase de maneira positiva, fazendo uso do lúdico através da brincadeira e o uso de jogos para que a criança possa se expressar e entender o mundo de modo mais natural possível. Como a professora da escola maternal deve conduzir essa tarefa para que os pais e a escola possam agir de maneira positiva na vida da criança ainda em idade tão precoce, talvez este seja um dos principais desafios.

Sobre este ponto construí um capítulo especial, o terceiro capítulo do trabalho, dando ênfase ao brincar, procurando clarificar melhor a maneira com que o educador (professora) deva agir pedagogicamente com a criança ainda em idade tão pequena, sem querer-lhe inculcar aprendizados que não condizem ainda com sua idade maturacional.

Por fim, o quarto capítulo apresenta um entendimento maior dos capítulos anteriores, demonstrando os aspectos positivos desse ingresso ao contexto escolar e a relação entre a criança, os pais e a escola como colaboradores.

1- RELAÇÃO MÃE E FILHO PARA WINNICOTT.

Em sua idéia de educação infantil, Winnicott afirma que não seria aconselhável, na educação da criança, querer doutriná-la moralmente, nem ao menos inculcar-lhe padrões culturais. O autor defende que a melhor educação passada pela família é aquela que segue a natureza. Mas o que Winnicott quer dizer com a expressão “uma educação seguida pela natureza”?

O presente capítulo pretende investigar tal problemática apontada por Winnicott, tomando por referência principal textos de suas clássicas obras publicadas e buscar fundamentos que justifiquem suas teorias, mostrando citações próprias de suas obras, para reconstruir as idéias. Para explicitá-las melhor, segundo a concepção winnicottiana a relação mãe e filho se dá naturalmente se houver um bom processo no período em que a mãe precisa passar ao filho os cuidados principais e necessários, ou seja, o conceito de mãe suficientemente boa juntamente com o conceito de *holding*, já que os mesmos são interligados. Por conseguinte, no decorrer do capítulo tais ideias serão clarificadas. Ou seja, não se constitui no bebê um processo de “natureza humana”, se a mãe não conseguir ser uma boa mãe comum e transmitir segurança para seu filho. Esta idéia é fundamental para o autor. Embora o conceito de natureza seja um conceito difícil de ser explicado, Winnicott (1990, p.21) oferece uma definição provisória do mesmo, considerando-o como quase tudo o que possuímos. Ou seja, nas vivências infantis, tratam-se das potencialidades e possibilidades de amadurecimento que elas dispõem cujo desenvolvimento depende do modo como os adultos que estão mais próximos exercem seus cuidados. Voltaremos ainda sobre este ponto mais adiante.

1.2 Considerações sobre a relação mãe-filho.

Para abordar as considerações sobre a relação mãe-filho, faremos uma breve explanação do conceito de mãe suficientemente boa.

Winnicott aborda que a mãe suficientemente boa² seria aquela que facilita os estágios iniciais de desenvolvimento do bebê, desde o segurar (*holding*), que inclui também hora de mamar, troca de fraldas, etc. Para ele, nessa transmissão de cuidados, o bebê está em um estágio de total dependência e a mãe lhe fornece suprimento das necessidades até que vá amadurecendo gradativamente rumo a sua independência. Tal processo para o autor ocorre naturalmente, já que a mãe instintivamente conduz essa etapa por armazenar lembranças de quando já foi um bebê (lembranças inconscientes). Este é um dos fundamentos do conceito de natureza humana para ele. Se este estágio não ocorre de forma satisfatória, a criança está sujeita a correr sérios riscos de apresentar problemas em seu desenvolvimento natural. Irá posteriormente levá-los também à escola, demonstrando em seu comportamento cotidiano a maturidade atingida quando passou pelos primeiros cuidados.

O autor aqui sugere que quando o bebê está pronto para nascer, a mãe, se adequadamente assistida por seu companheiro ou propriamente o pai da criança, está preparada para uma experiência na qual ela sabe quais são as necessidades de seu filho (a) (Winnicott, 2006, p. 4). Aí é que Winnicott se refere ao verbo *segurar* e amplia seu significado, o qual pode ser capaz de saber se o bebê está ou não com fome e todo conjunto de outras necessidades que uma mãe comum atende ao seu filho. É a este ponto que o autor se refere, quando diz que a mãe não pode aprender nos livros. Tudo isso é muito sutil, mas repetidamente ajuda a assentar os fundamentos que o bebê tem de sentir-se real, podendo continuar a desenvolver os processos de maturação que ele ou ela herdaram.

1.3- O desenvolvimento do bebê durante a fase de *holding*.

Sobre o assunto podemos enumerar algumas características do desenvolvimento do lactente durante essa fase para fazer uma complementação do que já fora citado anteriormente. Nesse estágio primário, a identificação primária, o auto-erotismo e o narcisismo primário são realidades vivas.

Nesta fase, o ego se transforma de um estado não integrado em uma integração estruturada, de modo que o lactente³ se torna capaz de experimentar a ansiedade que é associada à desintegração. A palavra desintegração começa a ter um sentido que não possuía

² A mãe suficientemente boa é para Winnicott aquela que possibilita ao bebê, entre outras coisas, a ilusão de que o mundo é criado por ele.

³ O autor se refere a lactente quando fala da criança recém nascida. Essa fase vai até os quatro meses de idade.

antes da integração do ego se tornar um fato. Falando em termos de desenvolvimento normal, nesse estágio o lactente retém a capacidade de reexperimentar estados não-integrados. Mas isso depende da continuidade de um cuidado materno consistente ou da reunião no lactente de recordações do cuidado materno começando gradualmente a serem percebidas como tais.

Nesse período também está presente o *holding*⁴ e inclui especialmente o *holding* físico do lactente, que é uma forma de amar. É possivelmente a única forma em que uma mãe pode demonstrar ao lactente o seu amor. Há aquelas que podem suspender (segurar) um lactente e as que não podem; as últimas produzem rapidamente no lactente uma sensação de insegurança e um chorar nervoso. Tudo isso leva ao estabelecimento das primeiras relações do lactente e suas primeiras experiências de gratificação instintiva.

Seria incorreto por a gratificação instintiva (alimentação, etc.) ou as relações objetais (relacionamento com o seio) antes do tema da organização do ego (isto é, o ego do lactente reforçado pelo ego materno). A base da satisfação instintiva e das relações objetais residem na manipulação e condução geral do cuidado do lactente, que é facilmente tido como certo quando tudo vai bem. As bases da saúde mental do indivíduo são lançadas por esse cuidado materno, que, quando vai bem, dificilmente é percebido, e é uma continuação da provisão fisiológica que caracteriza o estado pré-natal.

Portanto, quando fornecidas essas condições, o bebê pode desenvolver a capacidade de ter sentimentos que correspondem aos sentimentos da mãe que se identifica com seu filho, ou seja, da mãe que está profundamente envolvida com seu bebê e com os cuidados que lhe dedica. Então, aos três ou quatro meses de idade, o bebê pode ser capaz de mostrar que sabe o que caracteriza uma mãe, uma mãe em estado de dedicação a algo que não é ela própria.

O autor sente como imprescindível essa fase inicial tanto na vida da mãe quanto de seu (sua) filho (a), dando importância desde o momento que precede ao nascimento, ou seja, desde a gestação. Esse período ele afirma como necessário para que a mulher possa se reorientar e se preparar. Assim, afirma Winnicott:

A partir daí, oposto ao que muitos pensam, não é uma mãe “perfeita”, mas sim flexível o suficiente para poder acompanhar o (a) filho (a) em suas necessidades de acordo com a “natureza”, que oscila e evolui rumo à maturidade e autonomia. (WINNICOTT 1983, p. 219)

⁴ Não há tradução da palavra para o Português.

Na sequência, ainda na mesma página continua afirmando que

... a mãe suficientemente boa deixa que o bebê domine, desejando (na medida em que a criança é quase uma parte dela mesma) estar pronta para responder. Gradualmente introduz o mundo externo compartilhado, ajustando cuidadosamente esta introdução, de acordo com as necessidades do bebê, que variam de dia para dia e de hora para hora.

A necessidade de uma criança bem desenvolvida depende de ter pais com quem se identifique. Nos primeiros anos de vida, o fator ativo para ela é o pai e a mãe, a conduta de ambos e as relações recíprocas dos pais, tal como a criança percebe. E é isso que ela vai absorver, tomando por modelo ou agindo contra o que reage. É também o que a criança vai tomar para si muitas vezes em seu processo pessoal de crescimento. Para que se de todo esse processo há de ocorrer o que Winnicott chama de cuidado paterno satisfatório, e ele pode ser classificado mais ou menos em três estágios superpostos: (Winnicott, 1983, p. 44)

- *Holding*;
- Mãe e bebê vivendo juntos. Aqui a função do pai (ao fornecer melhor ambiente para a mãe) não é conhecida da criança;
- Pai, mãe e lactente, todos vivendo juntos.

1.4- A mãe como provedora de um ambiente satisfatório nas fases iniciais da vida com seu filho.

O autor aqui lança mão do conceito de que um meio ambiente satisfatório se dá através de um alto grau de adaptação às necessidades individuais da criança. Tudo isso, para ele tem de ser constituído naturalmente. Seu discurso se embasa na mãe como provedora desse meio ambiente satisfatório, denominado de “preocupação materna primária”. Ao contrário do que muitos pensam, não existem códigos nem conceitos subentendidos no que Winnicott quer dizer com seus conceitos (mãe suficientemente boa e preocupação materna primária). A linguagem Winnicottiana é clara e simples. Por ambiente satisfatório (ou facilitador) entende Winnicott o seguinte:

O ambiente facilitador inclui as funções paternas complementando as funções da mãe e função da família, com sua maneira cada vez mais complexa (à medida que a criança fica mais velha) de introduzir o princípio da realidade, ao mesmo tempo em que devolve a criança à criança (WINNICOTT, 2005, p. 5).

Continuamente, dentro desse ambiente facilitador ele nos explica um pouco mais sobre a função do *holding*. A expressão *holding the baby* (segurar o bebê) tem um sentido preciso em inglês: Alguém que o estava ajudando a fazer alguma coisa desapareceu e você ficou “segurando o bebê”. Por aí podemos ver que todos sabem que as mães têm naturalmente um senso de responsabilidade e se estiverem com um bebê em seus braços estarão envolvidas de algum modo especial.

É claro que algumas mulheres são deixadas literalmente ‘segurando o bebê’, quando o pai não consegue gostar da parte que lhe cabe e não é capaz de dividir com a mulher a enorme responsabilidade que um bebê deve sempre representar. Pode ser também que não haja um pai. Normalmente, porém, a mãe se sente apoiada por seu marido, e assim pode ser uma mãe adequada; age com naturalidade ao segurar o seu bebê, sem precisar estudar o assunto (WINNICOTT, 2006, p.14-15).

Portanto, juntamente com o *holding* está ligado o conceito de “mãe suficientemente boa”. “Mãe suficientemente boa” é uma boa mãe comum, sem comprometimento de saúde mental. A preocupação materna primária, como o próprio nome indica, se refere aos primeiros cuidados que a mãe deve ter quanto ao bebê ainda muito pequeno, de o manter para que ele vá obtendo seu desenvolvimento físico e psíquico como uma criança que conhecemos como “normal”. O autor ainda sugere que a adaptação vai diminuindo de acordo com as necessidades que o bebê tem, crescentemente, de experimentar reações de frustração para que posteriormente sinta uma continuidade em sua existência, tendo um sentido de *self*⁵, ou seja, de se sentir real, caracterizando sua própria personalidade.

Com efeito, uma criança não começa de imediato como pessoa apta a identificar-se com outras pessoas. Para que isso aconteça, deve haver uma elaboração gradual do eu (*self*) como um todo, ou uma unidade, e também um desenvolvimento gradual da capacidade de sentir que o mundo externo e o mundo interno são coisas relacionadas, mas não idênticas ao “eu” que é individual e particular. Jamais será o mesmo em qualquer outra criança. Esse processo

acontece em períodos distintos de acordo com a maturidade individual de cada criança. Portanto, nas menores de cinco anos é normalmente compatível com todo o tipo de grau de imaturidade. As imaturidades são os resíduos daqueles estágios sadios de dependência que caracterizam as fases iniciais do crescimento. É mais simples reproduzir o resultado de sondagens feitas em diversas fases do desenvolvimento do que tentar desenhar um vasto painel detalhado da criança em idade inferior a cinco anos.

Mas, para que tudo ocorra de maneira “natural” é muito importante a contribuição da família (mais precisamente a figura da mãe) em inúmeros aspectos. Cabem aqui alguns comentários sobre o papel da mãe em relação a seu filho. A mãe, para que possa transmitir maturidade, segurança e desenvolvimento intelectual pertinentes, precisa, segundo a visão de Winnicott, ser uma mãe suficientemente boa. A mãe suficientemente boa (ressaltando que não necessariamente precisa ser a mãe biológica, mas aquela que cumpre o papel da maternidade) é aquela que efetua uma adaptação ativa às necessidades do bebê, que vão diminuir gradativamente segundo a crescente capacidade deste efetuar sua própria maneira de aceitar melhor seus fracassos e avaliá-los e ponderá-los diante a dificuldade de sobrevivência. Naturalmente, a própria mãe tem essa habilidade (se sua tarefa for bem desenvolvida) do que alguma outra pessoa, já que esse período vivenciado de forma ativa exige preocupação fácil e sem ressentimentos da mãe quanto a seu filho. Esse êxito no cuidado infantil depende da devoção da mãe, e não de “jeito” ou capacidade intelectual dela.

Ainda falando sobre o conceito de mãe suficientemente boa, explicitando-o ainda mais, Winnicott considera-a como aquela que inicia com uma dedicação por completo das necessidades de seu filho, e na medida em que o tempo passa, adapta-se cada vez menos completamente, de forma gradativa, dependendo da aptidão do bebê em entender os fracassos dela. Os meios que a criança dispõe para vivenciar com tal fracasso (materno) se resumiriam em experienciar que há um limite temporal para a frustração, devendo ser este, naturalmente curto. Outro modo seria a criança sentir seu crescimento durante este processo e também perceber seus primórdios de atividade mental e, posteriormente, o emprego de satisfações auto-eróticas (com os objetos e fenômenos transicionais⁶) e sua capacidade de recordar, reviver, fantasiar, sonhar, ou seja, começar a compreender a visão de integração entre passado, presente e futuro.

Se tudo tiver um bom seguimento, a criança consegue realizar uma conexão do que é real com o que é imaginário, desenvolvendo a capacidade de experimentar uma relação com a

⁶ O autor utiliza o termo “objetos e fenômenos transicionais” para designar a área intermediária de experiência, entre o polegar ou um ursinho, ou seja, entre o erotismo oral e a verdadeira relação de objeto.

realidade externa ou mesmo formar uma concepção dessa realidade. Isso é o que o autor define como *self*, uma função psíquica que tem inúmeras traduções para o Português, como “si mesmo” e “mim”, ou seja, uma função que permite ao indivíduo inclinar-se sobre si, favorecendo a consciência do “si mesmo”. Trata-se de um conceito que, embora não seja usado aqui no sentido freudiano, pode ser aproximado de certa maneira ao conceito de ego.

Também uma figura importante é a do pai no desenvolvimento entre mãe e filho, pois se ele oferecer à mãe condições ambientais favoráveis, o restante irá ocorrer satisfatoriamente. Neste ponto o ele pode ajudar a mãe criando um espaço em que ela circule à vontade. Se adequadamente ela estiver assistida pelo pai, lhe é poupado o trabalho de ter de ocupar-se de coisas externas que acontece à sua volta, nessa época em que ela precisa tanto concentrar-se, quando anseia preocupar-se com o interior do círculo formado pelos seus próprios braços, no centro do qual está o bebê, e cabe, portanto, à figura do pai deixando-a preocupar-se ao máximo com seu bebê nessa época, que é a época natural. Mas não precisamente a mãe apenas cabe essa experiência, pois o bebê também precisa desse tipo de ambiente. Podemos afirmar com as palavras de Winnicott (1977, p.27) que a saúde da pessoa crescida foi estabelecida no decorrer da infância, mas os alicerces da saúde do ser humano são lançados pela mãe nas primeiras semanas ou meses de vida do bebê.

O ser humano, para Winnicott, nasce como um conjunto desorganizado de pulsões, instintos, capacidades motoras e perceptivas que conforme avança o desenvolvimento vão aos poucos se integrando, até alcançar uma imagem do que é dele e do que faz parte do mundo externo. Portanto, o *self* verdadeiro só aparece se a criança tiver essa mãe suficientemente boa. Quando isso ocorre, o *self* começa a adquirir vida através da força que a mãe, ao cumprir as expressões da onipotência infantil, dá naturalmente ao ego fragilizado da criança.

Então o que significa o conceito de natureza humana para Winnicott? Reconstruindo o que pesquisou Winnicott (1977 p.93) ele diz que “o ‘animal humano’ (o homem) individualmente possui uma unidade e um tema central e não é necessário ser adotado um método único e exclusivo para a descrição do ser humano”. Ele opta pela abordagem que estuda o desenvolvimento como capaz de focalizar diversos pontos de vista, deixando claro que a partir de uma interação primária do indivíduo com o ambiente, surge uma que emerge, ou seja, o que procura fazer valer seus direitos, tornando-o capaz de existir num mundo não desejado, fazendo com que o *self* se fortaleça como continuidade do ser que emerge como unidade, ligado ao corpo e dependente de cuidados físicos. Isso tudo cria uma aceitação pessoal das funções e dos instintos, o gradual reconhecimento da mãe como outro ser humano, e o reconhecimento de um terceiro, e do conflito emocional. Por isso, o conceito

não tem uma explicação única e parte de um conjunto de outras questões, como as abordadas até o momento.

Esse todo é enriquecido pela elaboração imaginativa da criança de cada função e pelo amadurecimento da *psique* juntamente com o corpo (o desenvolvimento); também da especialização da capacidade intelectual que depende da capacidade neurológica e em paralelo a tudo, os fatores ambientais que conduzem com o tempo à socialização.

Portanto, o que ele quer dizer, mais especificamente, é que o lugar da mãe na vida de seu filho(a) e as experiências que vai representar do mundo a ela, se for de forma gradual e natural, ajudarão a desenvolver suas tendências inatas de desenvolvimento e tornar seu crescimento saudável.

1.5-O bebê como uma *organização em marcha*.

Cada bebê é uma *organização em marcha*. Em cada bebê há uma centelha vital e seu ímpeto para a vida, para o crescimento e o desenvolvimento é uma parcela do próprio bebê, algo que é inato na criança e que é impelido para a frente de um modo que não temos de compreender (WINNICOTT, 1977, p. 29).

Apesar de nascer em um estágio de dependência absoluta, o bebê deve ser conduzido pela mãe a conviver num ambiente que faça suas capacidades inatas se desenvolverem naturalmente, por isso denomina o bebê como uma *organização em marcha*. A dependência absoluta é em relação às necessidades físicas e emocionais e, apesar de trazer tendências inatas, precisa da mãe para atender suas necessidades, não conseguindo sobreviver sem os cuidados maternos. No entanto, ele não tem consciência ao nascer que existe esse ser (a mãe) que satisfaz suas necessidades. Pensa que pode satisfazê-las sozinho, o que Winnicott chama de experiência de onipotência.

Mas, para o autor este desejo de onipotência não tira da criança suas necessidades afetivas e emotivas. O que pode influenciar em sua constituição afetiva é a maneira como as necessidades físicas vão sendo satisfeitas, como ele as vai vivenciar, ou seja, estão diretamente ligadas. A mãe, ao cuidar das necessidades físicas do bebê é que vai fazê-lo experimentar sentimentos positivos ou não. E dentre sentimentos positivos ele experimenta angústias e aflições também.

Se a mãe for suficientemente boa, conseguirá fazer com que seu filho supere os traumas possa experienciar outros aspectos emocionalmente positivos. E para haver uma educação saudável na primeira infância, a criança precisa ser saudável fisicamente e possuir uma mãe saudável psicologicamente. E aí entra o papel paterno como provedor de um ambiente saudável à mãe para que ela possa conduzir satisfatoriamente as necessidades do filho.

Portanto, o agir naturalmente vem pelo fato da mulher guardar em sua psique lembranças de quando foi filha também. Isso vai fazer com que instintivamente ela conduza essa educação na primeira infância de maneira natural. Posteriormente, a mãe naturalmente retoma suas atividades e concilia a nova tarefa de ser mãe sem que aconteçam grandes traumas, nem para ela, nem para a criança.

Esse é o papel que ela desempenha e Winnicott chama “Ambiente Facilitador”, ou seja, sua capacidade de distinguir momentos em que o bebê precisa de seus cuidados. Se isso acontece de maneira gradual, ela deixa o bebê precisar dela e chamá-la, sem que seja preciso sufocá-lo de cuidados, servindo agora de ego auxiliar do filho.

Agora o bebê passou do estágio de dependência absoluta para o de dependência relativa. Nesse estágio falamos novamente sobre conceito de *holding*. Esse conceito que ele nos traz está interligado com o de mãe suficientemente boa, apenas vai aparecendo aos poucos, mas simultaneamente.

Para finalizar o conceito de *holding*, para Winnicott, é como um somatório de aconchego, percepção e alegria fornecidos pela mãe (o que poderia ser traduzido por colo, sustentação, maneira de segurar o bebê). Esse momento acontece durante o estágio em que a mãe fornece o suporte de mãe suficientemente boa, só que se referindo à maneira de segurar fisicamente a criança e a sensação de segurança que deve passar ao filho. Promover um ambiente onde haja *holding* significa tratar o bebê de acordo com suas necessidades.

Nesse momento, a mãe irá lhe transmitir a segurança necessária para que a criança desenvolva o processo de auto-percepção, de estar no mundo, fazendo com que gradativamente vá amadurecendo.

A base para o desenvolvimento natural da criança é a existência física do bebê, com suas tendências herdadas. Essas tendências herdadas incluem o esforço de maturação para o desenvolvimento posterior:

Digamos, um lactente tende a usar três palavras com um ano e caminhar aos quatorze meses por aí, e tende a atingir a mesma forma e altura de um dos pais, e tende a ser esperto ou estúpido ou temperamental ou ter alergias. De forma oculta se inicia no lactente e continua na criança uma tendência para a integração da personalidade, tendendo a palavra a ter um significado cada vez mais complexo a medida que o tempo passa e a criança se torna mais velha (WINNICOTT, 1983, p.90).

Portanto, para o autor, a sustentação ou *holding* protege a criança contra a afronta fisiológica. O *holding* deve levar em consideração a sensibilidade epidérmica da criança (tato, temperatura, sensibilidade auditiva, visual, sensibilidade às quedas) assim como o fator de a criança desconhecer a existência de tudo o que não seja ela própria. Aqui está incluída toda a rotina de cuidados ao longo do dia e da noite. A sustentação compreende, em especial, o fato físico de segurar a criança nos braços e que constitui uma forma de amar.

O *holding* feito pela mãe é o fator que decide a passagem do estado de não integração, que caracteriza o recém-nascido ou lactente (como o autor prefere definir a criança nesta etapa) para a integração posterior. O vínculo entre a mãe e o bebê assentará as bases para o desenvolvimento saudável das capacidades inatas do mesmo.

Se a mãe for psicologicamente saudável, o bebê irá ter um desenvolvimento natural, e sem grandes traumas, o que para a sua relação com o educador é elementar. O educador que está apto para atender as necessidades de uma criança vai saber conduzi-la de maneira satisfatória se ela passar por essas etapas adequadas na escola também.

1.6. As contribuições entre pais e sociedade

Aqui será realizada uma breve exposição do que uma mãe suficientemente boa pode trazer de salutar para a sociedade em relação à criação de um filho também saudável.

Winnicott sempre valorizou o papel desempenhado por uma boa mãe comum, apesar de não retirar a figura paterna do meio também como contribuição relevante. Mas se dirige como papel de cuidado fundamental aquele que uma mãe com uma *psique* preparada possa ter para guiar os primeiros passos no desenvolvimento natural de um filho. Ele relata a falta de algo na sociedade humana quando fala que as crianças ao crescerem e também tornarem-se pais e mães, não chegam ao ponto de reconhecer exatamente o que estes fizeram para elas no início de suas vidas.

Bons pais “comuns” constroem um lar e mantêm-se juntos, provendo relação básica de cuidados e mantendo um contexto em que cada criança encontra gradativamente a si mesma (seu *self*) e ao mundo, e uma relação operativa entre ela e o mundo. Mas os pais não querem gratidão por isso. Eles têm suas recompensas vendo seus filhos crescerem saudavelmente tornando-se independentes e pais construtores de seus lares também. Mesmo tendo havido crescente aumento da consciência do valor do lar, ainda ocorre a compreensão de muitos filhos que um lar é ruim, pelo grande número de casais separados que existe atualmente.

Para Winnicott, o lar é de extrema responsabilidade dos pais e o que o preocupa desde então é a relação da mãe com seu bebê antes mesmo do parto e nas semanas e meses após o nascimento da criança. Todos esses momentos são de imensas contribuições na formação do indivíduo para a sociedade que a “boa mãe comum” faz desde o princípio, inserindo também o suporte do pai da criança e o que ela mesma pode fornecer de suporte por estar em relação de devoção com seu filho.

O autor enfatiza ainda que o resultado do reconhecimento de um filho (a) a uma mãe não é de gratidão, nem elogios e sim a diminuição dentro do próprio indivíduo de seus “medos”, sua busca incessante pela independência. Do contrário, seria um indivíduo que não recebeu o suporte de uma mãe suficientemente boa, podendo ser desencadeados inúmeros problemas pessoais (psíquicos) que refletirão automaticamente em seu desenvolvimento na sociedade. Quando ocorre de uma mulher ser ainda muito jovem e tornar-se mãe, precisa de proteção e informação (proteção essa que o autor se refere aos cuidados da ciência médica em relação aos cuidados corporais). Mas ainda se refere à devoção de que o pai da criança deve fornecê-la, não somente sendo uma mãe que irá aprender a ser uma pessoa através de livros, mas receber um suporte moral, protegendo-a, portanto, contra tudo e todos que se interpuserem entre ela e seu bebê. Também enfatiza que todos (quaisquer pessoas), podem capacitar o início e o desenvolvimento natural da relação emocional entre uma mãe e seu bebê, sendo esse trabalho uma extensão do trabalho do pai.

Lembrem-se da criança individual, do processo de desenvolvimento da criança, do desconforto da criança, da necessidade que a criança tem de auxílio pessoal, simultaneamente, é claro, à lembrança contínua da importância da família e dos vários grupos escolares e de todos os outros que conduzem ao grupo que chamamos de sociedade (WINNICOTT, 2005, p. 124).

A família (que primeiramente compõe-se pelos pais), para o autor, é o primeiro agrupamento, e o que tem mais proximidade dentro da unidade da personalidade. Quando se diz que é o primeiro agrupamento, Winnicott fala em termos do crescimento do indivíduo, justificando-se que com o passar do tempo não possui vínculo algum com a vida humana que se possa comparar em força ao vínculo que se relaciona ao fato de fazer com que uma área de tempo seja pessoal.

A criança já começa a se tornar separada da mãe e antes que essa possa ser percebida conscientemente ela é o que se poderia denominar objeto subjetivo. Para a ela, é um choque o experimento intermediário entre o uso da mãe enquanto objeto subjetivo, como aspecto do *self*, e um objeto que não é o *self* se situando fora do controle onipotente. Aí a mãe leva uma tarefa de suma importância, ao se adaptar às necessidades da criança, de um modo que possa minimizar o “choque” dela no que se refere ao contato com o princípio da realidade. Então, a figura materna a partir daí vai se tornando uma figura que não está em simbiose com a criança.

Em nossa cultura, a tendência é encarar como fator normal esse experimento de “choque” em toda sua extensão, à medida que ela começa a realizar o papel de adaptadora externa. Quando isso funciona de maneira saudável, a riqueza dessa experiência se torna um argumento a seu favor, o da cisão precoce, com a percepção da figura paterna.

O pai entra nesse processo de duas maneiras, sendo até certo ponto como uma das duplicações da figura materna. No entanto, isso interfere com a outra característica do pai, segundo a qual acaba entrando na vida da criança como um aspecto da mãe que é severo, intransigente e que, em circunstâncias favoráveis, vai aos poucos se tornando aquele homem que se transforma num ser humano podendo ser temido, odiado, amado e respeitado. Portanto, a primeira forma seria a extensão da estrutura da personalidade da criança dependente de processos de crescimento. A outra forma dependerá da mãe e de sua atitude em relação a essa criança específica, permitindo que ela perceba outras pessoas que podem estar disponíveis como figuras maternas. Já o comportamento do pai naturalmente irá determinar a maneira como a criança “usa” ou não esse pai, na formação da família de cada criança em particular. De qualquer modo, o pai pode estar ausente ou muito presente e são esses detalhes que farão diferença no significado da palavra “família” para a criança específica à qual o autor se refere.

Portanto, quando se fala de família e uma criança, não se trata apenas de haver um pai e uma mãe fisicamente, e sim a maneira que esse pai e essa mãe irão conduzir o desenvolvimento de seu bebê.

[...] o importante é que a criança precisa de um período de tempo no qual experiências estáveis nos relacionamentos podem ser utilizadas para o desenvolvimento da área intermediária, na qual fenômenos transicionais ou lúdicos possam se estabelecer para essa criança específica, de modo que, desse momento em diante, a criança pode desfrutar tudo o que deriva do uso do símbolo, pois o símbolo da união proporciona um alcance mais amplo à experiência humana do que a própria união (WINNICOTT, 2005, p.130).

O autor se refere que ao observarmos uma criança de dois anos, se percebem idas e vindas que podem desenvolver não só pequenos riscos; se vierem a falhar será alterada a vida inteira dessa criança.

O potencial herdado inclui a tendência no sentido do crescimento e desenvolvimento, pois todos os estágios do desenvolvimento emocional podem ser mais ou menos datados. Essas datas não apenas variam de criança para criança, mas também, ainda que fossem conhecidas com antecipação, não poderiam ser utilizadas para predizer o desenvolvimento real da criança pelo fator cuidado materno.

Cada bebê se tiver um desenvolvimento suficientemente saudável, passa por fases da dependência à independência. De acordo com as idéias de Winnicott, (1977, p.145) o autor se refere:

Dependência absoluta: O lactente não tem meios de perceber o cuidado materno, não pode assumir controle sobre o que é bem ou mal feito em seu desenvolvimento primário, mas está em posição de se beneficiar ou sofrer distúrbios. No início o lactente é completamente dependente da provisão física pela mãe viva em seu útero e depois como cuidado do lactente. Em outras palavras, a mãe e o pai não produzem um bebê como um artista produz um quadro. Eles iniciam um processo de desenvolvimento que resulta em existir um habitante no corpo da mãe, mais tarde em seus braços e após no lar proporcionado pelos pais, este habitante se tornará algo que está fora do controle de qualquer um. Os pais dependem das tendências hereditárias da criança. Acontece que este adaptar-se dos processos de maturação da criança é algo extremamente complexo, que traz tremendas exigências aos pais. A mãe precisa de apoio por esta época, que é melhor dado pelo pai da criança.

Dependência relativa: Se dá conta da necessidade de cuidado materno e pode de modo crescente relacioná-los ao impulso pessoal. Deste modo se pode distinguir entre a dependência da qual o lactente pode tomar conhecimento. É parte desse estágio a tarefa da grande maioria das mães proverem uma desadaptação gradativa e isso está muito bem orientado para o rápido desenvolvimento que o lactente revela.

Rumo à independência: O bebê desenvolve meios para ir vivendo sem cuidado real. Isso é conseguido através de acúmulo de recordações do cuidado, da projeção de necessidades pessoais e da introjeção de detalhes do cuidado, com o desenvolvimento da confiança no meio. Uma vez que estas coisas tenham se estabelecido, como ocorre na normalidade, a criança se torna gradativamente capaz de se defrontar com o mundo e com todas as suas complexidades. Em círculos cada vez mais abrangentes da vida social a criança se identifica com a sociedade, porque a sociedade local é um exemplo de seu próprio mundo pessoal, bem como exemplo de fenômenos verdadeiramente externos.

Boa parte dos conceitos de Winnicott se refere ao “desenvolvimento emocional primitivo”, cujos efeitos, segundo ele, são de suma importância para o indivíduo por se estenderem para além da infância. Muitos problemas da fase adulta estariam vinculados a disfunções ocorridas entre a criança e o “ambiente”, representado geralmente pela mãe. A relação com a mãe e o pai leva o bebê a administrar a própria espontaneidade e as expectativas externas. Se a mãe aceitar as manifestações do bebê – como fome, desconforto, prazer e vontade -, ao invés de impor o que acredita ser o certo, fazem com que o bebê vá acumulando experiências nas quais ele é sempre o sujeito, e o *self* que se forma pode então ser considerado verdadeiro.

Isso tudo contribui para que o bebê vá sentindo gradualmente que é um ser separado da mãe e percebe que está agora fazendo parte de outro tipo de relação, agora não existe somente um lar composto pelo pai e a mãe, mas também pode haver irmãos ou a percepção de existir outros membros na família, que constituem as primeiras raízes da vida em sociedade. O convívio com diferentes membros da família e a adaptação a outros tipos de vivência vai o inserir ao mundo como futuro cidadão. Isso faz com que ele saudavelmente possa conviver com outras crianças a partir de um ano de idade ou um pouco menos não só no contexto escolar, mas percebendo que assim como ele existem outros com quem trocará vivências, sendo pela forma de regras, ou pela brincadeira, que para o autor é um meio pelo qual ele vai percebendo o convívio em sociedade.

1.7- Socialização na visão Winnicottiana.

Para Winnicott (1983, p. 80), maturidade do ser humano é uma palavra que implica não somente crescimento pessoal, mas também socialização. Digamos que psiquicamente

saudável, que para o autor é quase como sinônimo de maturidade, o adulto é capaz de se identificar com a sociedade sem sacrifício demasiado da espontaneidade pessoal; ou, dito de outro modo, o adulto é capaz de satisfazer suas necessidades pessoais sem ser anti-social, e, na verdade, sem falhar em assumir alguma responsabilidade pela manutenção ou pela modificação da sociedade em que se encontra. Encontramos certas condições sociais e isso é um legado que temos que aceitar e, se necessário alterar e é isso que eventualmente passaremos adiante àqueles que se seguirem a nós.

A independência nunca é absoluta. O indivíduo normal não se torna isolado, mas se torna relacionado ao ambiente de um modo que se pode dizer serem, o indivíduo e o ambiente, interdependentes.

Após toda a clarificação das teses levantadas por Winnicott, podemos compreender melhor o que quer dizer a respeito de uma relação em que a mãe consegue conduzir naturalmente as etapas de vida de seu filho - natureza humana para o autor-, etapas nas quais a mãe consegue se colocar a total disposição de acordo com as necessidades de seu filho, sem lhe impor padrões ou regras.

No segundo capítulo iremos tratar da relação da professora maternal e a criança psicologicamente saudável, no momento em que esta precisa ser deixada sob seus cuidados. É preciso atenção a esse momento para ser clarificado em que isso contribui para uma formação educativa melhor da criança e quais práticas seriam dispensadas no campo pedagógico (aspectos positivos e negativos). Também será abordada a brincadeira, sob a visão de Winnicott, para que o educador, sem usar de métodos impositivos possa ajudar a inserir a criança no mundo, conhecendo através dessa ferramenta o convívio em sociedade.

2- RELAÇÃO EDUCADOR-EDUCANDO E AS DA EDUCAÇÃO INFANTIL.

O problema da diversidade cultural na escola se reflete na socialização das crianças, fazendo com que o trabalho pedagógico do professor se torne mais minucioso quando seus alunos são ainda tão pequeninos e advindos cada um de uma família diferente, com valores e crenças diferenciadas (cada família é uma cultura). Como explicitado anteriormente, cada vez mais vem crescendo o número de pais que precisam de apoio escolar para seus filhos ainda em idade precoce, pelas inúmeras mudanças sociais vivenciadas atualmente. Não só o pai agora é o responsável por trabalhar “fora”, mas a mãe também cada vez mais se insere no mercado de trabalho e busca aperfeiçoamento profissional. Agora, o papel da mãe não é somente o de “criar” os filhos. Ela ainda possui essa tarefa insubstituível. Portanto, cumpre seu papel de extrema devoção nos primeiros meses após o nascimento e seu filho (a), e muitas vezes precisa contar com o apoio de profissionais para lhe auxiliar no decorrer do processo de desenvolvimento da criança. Para isso, crescem o número de crianças agora frequentando a escola maternal (assim designa Winnicott o termo para escola de educação Infantil).

O educador tem muitas necessidades similares às do educando. Por exemplo, necessita de segurança, aumentar sua auto-estima, participar da vida social pertencendo a grupos e de se realizar como pessoa. Segundo Dorin (1983, p. 15), duas necessidades são características marcantes dos professores: eles necessitam ser amados e respeitados por seus alunos, e terem sucesso na difícil arte de ensinar.

Seria absurdo que acontecesse de alguém educar ou aprender sozinho, portanto, como afirma Dalbosco (2007, p. 32), a educação é um processo *dialógico-interativo amplo* que ocorre, por exemplo, na relação entre pais e filhos, entre grupos de convivência e de trabalho.

Pode-se dizer que quando se pensa sobre a educação não há como não se remeter ao processo pedagógico e o problema consiste em saber como esse processo é constituído pelas relações humanas e institucionais históricas e qual sua origem. Neste sentido, afirma Dalbosco:

A Pedagogia, portanto, embora possa ter por finalidade constituir e fundamentar o seu conhecimento por si mesma, não deixa de ser um saber de fronteira, que, enquanto tal, não escapa de buscar referências tanto nas demais ciências como na própria filosofia. É no fato de ser um saber de fronteira que reside tanto sua problematidade como seu alcance: alcance porque é levada, constantemente, a dialogar com outras áreas, deixando-se enriquecer, livremente e sem preconceitos, pela contribuição vinda de fora; problematidade porque precisa auto-afirmar-se como saber próprio, tendo que responder autonomamente perante este saber (DALBOSCO, 2007, p.32).

O que se pretende é tentar clarificar o fazer pedagógico do educador baseado nos ideais de Winnicott na prática educativa, conhecendo o desenvolvimento natural na etapa da criança de 0 a 2 anos de idade e como isso se desenvolve atualmente na vida do mesmo.

Essa tarefa não é algo fácil, pois entra além da figura do profissional, o convívio entre os pais. A família precisa encontrar um local onde seu filho perceba como uma extensão de seu próprio lar. E para isso ocorrer da maneira mais natural possível, aumenta a tarefa de responsabilidade da educadora. O presente capítulo irá abordar o assunto da escola maternal citada por Winnicott, como ambiente saudável que o educador terá de promover nessa “ausência” de cuidado materno.

Para Winnicott, verificara-se grande alteração na atitude da sociedade com respeito a assistência à criança. Muitos pais têm a consciência de que na infância estão as bases para a saúde mental e, finalmente, para a maturidade em termos do adulto que irá identificar-se com a sociedade sem perder o sentido de sua importância pessoal. Além disso, houve uma significativa mudança na orientação da assistência a crianças separadas dos pais, com uma abolição virtual do internato e um crescente desenvolvimento do educandário.

Falando sob um olhar crítico em relação à orientação e assistência a crianças em escolas de educação infantil (ou escola maternal como Winnicott prefere se remeter) muitos questionamentos surgem e serão aos poucos clarificados de acordo com a exposição sobre o assunto. Portanto, o que significa, segundo Winnicott, escola maternal? Como se promove um ambiente saudável na escola maternal pelo educador? E, ainda: A escola maternal é um simples substituto dos cuidados maternos? Diz-nos Winnicott (1983, p.214), inicialmente que a função da escola maternal não é ser um substituto para uma mãe ausente, mas suplementar e ampliar o papel que nos primeiros anos da criança, só a mãe desempenha.

A educação infantil surgiu quando as mulheres conquistaram espaço no mercado de trabalho. Por isso, a educação das crianças na primeira infância desempenha importante papel social. Entretanto, não pode ser considerada substituta das mães, ocasionando muitas vezes, confusão de papéis acerca da função da educação infantil. Por um lado, muitos pensam que estes profissionais não precisam de uma sólida formação teórica, apenas bastando saber cuidar adequadamente do bem-estar físico das crianças, ou que este é um local onde as crianças devem ser “treinadas” para o acesso à primeira série.

Winnicott aponta para um caminho diferente. Quando afirma que a educação infantil é uma “ampliação para cima da família”, o autor pretende apontar para o fato de, entrando na escola, a criança não deixar de lado a vida afetiva (centrada na convivência com a mãe), que vivia no lar. Ao contrário, ela está ali para ampliá-la, relacionando-se com os educadores de maneira afetuosa também, e com outras crianças, de diversas idades, com valores culturais e familiares diferentes dos seus. É importante, também, ressaltar que qualquer aprendizagem está intimamente ligada à vida afetiva (seus próprios sentimentos). Portanto, não cabe à escola minimizar esta vida afetiva, mas sim ampliá-la, criando um ambiente sócio-afetivo saudável para a criança na escola.

Se observarmos crianças na faixa etária de zero a dois anos em uma escola maternal, muitas dúvidas surgem, como, por exemplo, é difícil adivinhar se gostarão da professora, segundo o que nós adultos, sabemos dela. O que as crianças pensam dela não se baseia nos conceitos que nós, adultos, temos de uma educadora. Temos o costume de nos basear por meio de impressões, mas devemos permitir a elas que tenham o que chamamos de ilusões do mundo adulto. Se essas ilusões forem percebidas de maneira positiva para ela, facilmente a figura da professora se transforma rapidamente seu sentimento em imensa dedicação a ela, temendo até mesmo o amor das outras crianças por ela. Mas gradativamente, tudo se acalma, pois no início é um mundo novo apresentado à criança. Porém tudo isso resulta em um aspecto positivo ou negativo na relação primária que existe entre a mãe e a criança, aí existem condições especiais. A mãe reparte com o filho um fragmento especializado do mundo, conservando esse fragmento suficientemente pequeno para que a criança não se confunda, mas o amplie gradualmente de maneira que a crescente capacidade da criança para desfrutar o mundo seja alimentada. Esta é uma das partes mais importantes da figura materna e a mãe deveria desempenhá-la com naturalidade.

O conhecimento exato da mãe do que é real e do que não é ajuda a criança de muitas maneiras, pois gradativamente a criança vai compreendendo que o mundo não é tal como se imagina e que a imaginação não é exatamente como o mundo é.

Nessas questões, a escola maternal tem funções importantes e óbvias. Uma delas é o fornecimento, durante algumas horas diárias de uma atmosfera emocional que não é a tão densamente carregada do lar. Isso propicia à criança uma pausa para o desenvolvimento pessoal. A escola que é um apoio, mas não uma alternativa para o lar da criança, pode fornecer a oportunidade para uma profunda relação pessoal com outras pessoas que não os pais. Essas oportunidades apresentam-se na figura das professoras e das outras crianças e do estabelecimento de uma tolerante estrutura em que as experiências podem ser realizadas.

É importante recordar, que simultaneamente com as provas evidentes de que o processo de maturação está sendo levado a efeito, em outros aspectos ainda existe imaturidade. Por exemplo, a capacidade de percepção exata ainda não está totalmente desenvolvida, pelo que devemos esperar da criança uma concepção mais subjetiva do que objetiva do mundo, especialmente na hora de dormir e acordar. Quando a angústia ameaça, a criança retorna facilmente à posição infantil de dependência, muitas vezes com a consequência do reaparecimento da incontinência infantil, bem como da intolerância infantil da frustração. Em virtude dessa imaturidade, a escola tem de estar apta para desempenhar a função da mãe, que deu confiança à criança nos primeiros tempos.

Quando a criança passa dos cuidados maternos para os escolares, essa experiência é até certo ponto reproduzida, de modo que o desmame, por exemplo, auxilia materialmente à jovem professora a compreender as dificuldades iniciais que poderão surgir na escola. Quando a criança aceita facilmente a escola, a professora poderá entender esse fato como um prolongamento do êxito materno em sua tarefa de desmame.

[...] outros aspectos em que a mãe, sem o saber, desempenha tarefas essenciais na criação das bases para o subsequente desenvolvimento da saúde mental do filho. Por exemplo, sem a sua cuidadosa apresentação da realidade externa, a criança não possui meios de estabelecer uma relação satisfatória com o mundo (WINNICOTT, 1977, p.219)

O quadro do papel da mãe e das necessidades da criança, estabelecidos neste aspecto, torna claro que a professora da escola maternal necessita estar em contato com as questões maternas e isso é coerente com o fato de que a sua principal tarefa está ligada às funções educativas da escola primária.

Partindo do princípio de que a escola maternal suplementa e prolonga em certas direções às funções do bom lar, a professora que exerce funções nessa escola herda

naturalmente alguns dos atributos e deveres da mãe para o período escolar, sem procurar descobrir suas próprias necessidades de desenvolver vínculos emocionais maternos.

Assim, desde o momento da entrada da criança na escola, pela primeira vez, relações sinceras e cordiais entre a professora e a mãe servirão para suscitar um sentimento de confiança na mãe e tranquilidade na criança.

O ingresso numa escola maternal é uma experiência social exterior à família. Cria um problema psicológico para a criança e uma oportunidade para a professora realizar a sua primeira contribuição para a higiene mental. Como afirma Winnicott (1977, p.221) a lealdade ao lar e o respeito pela família são fundamentais na manutenção de relações firmes entre a criança, a professora e a família.

Entretanto, a educação infantil não se restringe ao aspecto social (ético) e afetivo (sentimental), embora estes sejam de fundamental importância para garantir as demais aprendizagens. Porém, que tipo de organização pedagógica poderá permear estas aprendizagens? Lisboa pode nos oferecer uma resposta:

A escola dos pequeninos tem de ser um ambiente livre, onde o princípio pedagógico deve ser o respeito à liberdade e à criatividade das crianças. Nela, os pequeninos devem poder se locomover, ter atividades criativas que permitam sua auto-suficiência, e a desobediência e a agressividade não devem ser coibidas e, sim, orientadas, por serem condições necessárias ao sucesso das pessoas. (LISBOA, 1998, p. 15).

Entendemos que a organização do trabalho pedagógico na educação infantil deve ser orientada pelo princípio básico de proporcionar à criança o desenvolvimento da autonomia, isto é, a capacidade de construir as suas próprias regras e meios de ação, ser flexíveis e aprender a negociar com outras pessoas, sejam elas adultos ou crianças. Obviamente, esta construção não se esgota no período de zero aos dois anos de idade, devido às próprias características do desenvolvimento infantil. Mas tal construção necessita ter início na educação infantil.

Consideramos que a educação infantil tradicional não procura desenvolver a autonomia, mas sim a heteronomia, ou seja, a dependência da criança a regras e meios de ação ditados pelo adulto. A heteronomia é característica do pensamento das crianças de zero a seis anos, entretanto, a escola tradicional a reforça. A criança, neste modelo pedagógico, deve sempre esperar a ordem do adulto: ver o modelo do exercício mimeografado antes de fazê-lo; ver a

maneira correta de realizar um trabalho manual antes de iniciá-lo; esperar que o adulto resolva o conflito com a outra criança (premiando uma das partes e repreendendo a outra); esperar a ordem para que possa levantar-se da cadeirinha e movimentar-se (como o adulto pede). Neste sentido, relata Lisboa:

Chega ao colégio e – surpresa! – pedem-lhe que faça um navio. A coisa que ele mais gosta: desenhar. Faz um navio lindo, redondo como a lua, cheio de árvores no interior e com dois bichos nadando – elefantes, diz ele. A professora olha a obra de arte, pergunta o que é e recebe a resposta: ‘Um navio!’ Carinhosamente, a professora vai até o quadro e desenha um navio clássico, com velas, proa e popa, um digno navio de adulto, e diz: ‘João Paulo, isto é um navio e elefante não nada!’ João Paulo havia feito um navio original, diferente dos outros, lindo, nunca feito por alguém. Havia criado o primeiro navio redondo, e a professora, que seguramente não havia lido ‘O Pequeno Príncipe’, deu-lhe uma lição de como as pessoas devem ser bitoladas desde criancinhas (LISBOA, 1998, p. 15).

Certamente, este não é o melhor modelo pedagógico, se pretendemos o desenvolvimento integral e a construção da autonomia infantil. Para que a criança possa alcançar estes objetivos o modelo pedagógico deve proporcionar-lhe situações em que possa vivenciar as mais diversas experiências, fazer escolhas, tomar decisões, socializar conquistas e descobertas. Vale ressaltar que não se trata de um trabalho espontaneísta, em que o adulto não organiza objetivamente as atividades oferecidas às crianças, assumindo um papel de mero espectador, que observa e espera o desenvolvimento dos pequeninos.

Trata-se de uma organização do trabalho pedagógico que o adulto/educador e as crianças têm ambos papéis ativos. Cabe ao educador pesquisar e conhecer o desenvolvimento infantil a fim de poder organizar atividades para a criança poder experimentar situações as mais diversas, que possam lhe proporcionar alegria e despertar curiosidade. Para Winnicott, este seria um ambiente saudável promovido pelo educador, o que também responde a questão conjuntamente de que a escola maternal não é um substituto dos cuidados maternos e sim uma ampliação, como já dito em outro momento.

De acordo com a teoria Winnicottiana, para a criança obter melhor concentração precisa ter vivido primeiramente um relacionamento confiável com a mãe, que ficou por “conta” da criança, permitindo-lhe controlá-la magicamente e até, com o tempo, poder encontrá-la no mundo objetivo.

Cabe aqui ressaltar o que o autor conceitua por criatividade também, pois se sabe que é objetivo de um bom ensino promover o aprendizado das crianças e que os educadores valem-

se dos momentos lúdicos entre elas para trabalhar conteúdos “programáticos”, desde o início da vida escolar. Como afirma Winnicott (2005, p.24):

A criatividade e, portanto, a manutenção através da vida de algo que pertence à experiência infantil: a capacidade de criar o mundo. [...] Não é exato que ‘criatividade’ seja uma palavra de todo aceitável para o erudito. Por ‘viver criativamente’ não estou querendo dizer que alguém tenha que ficar sendo aniquilado ou morto o tempo todo, seja por submissão, seja por reagir àquilo que o mundo impinge. Estou me referindo ao fato de alguém ver tudo como se fosse a primeira vez.

A criatividade que nos interessa aqui também é em um sentido universal, relacionando-se ao estar vivo, relacionando-se com a abordagem do ser humano com a realidade externa. O impulso criativo, portanto, é algo q pode ser considerado como uma coisa em si, algo naturalmente necessário algo necessário a um artista na produção de uma obra de arte, mas também algo que se faz presente quando “qualquer” pessoa (bebê, criança, adolescente, adulto ou velho) se inclina de maneira saudável para algo ou realiza deliberadamente alguma coisa. Não se trata, naturalmente, de que alguém seja capaz de explicar o impulso criativo, sendo improvável que se deseje sequer fazê-lo; mas é possível estabelecer utilmente, um vínculo entre o viver criativo e o viver propriamente dito.

Quais seriam, portanto, de acordo com Winnicott, os parâmetros de um ambiente “saudável” oferecido pelo educador?

Para justificar essa questão podemos clarificar que a melhor condição é fazer a criança ser criativa, deixá-la explorar os objetos de maneira com que não se sinta sob nenhum tipo de pressão. Para Winnicott, criatividade atenta ao fato simples de estar vivo, ou seja, se você está vivo está criando, a não ser quando se está em estado de repouso, pois sempre se está tentando, de algum modo, alcançar algo. Esse alcançar para ele não tem a menor importância de ser física ou mentalmente, exceto para um ser que esteja lá para ser.

Portanto, para uma existência criativa não é necessário nenhum talento em especial. Trata-se, para o autor, de uma necessidade universal, e não há uma regra universal para os seres humanos. Aquilo que somos depende muito do ponto que atingimos em nosso desenvolvimento emocional, ou da extensão que nossas oportunidades na época do crescimento tem a ver com os estágios iniciais da relação objetal. Portanto, o educador deve

proporcionar à criança na escola maternal, oportunidades para esse desenvolvimento emocional. Mas ele só irá ocorrer naturalmente se for deixado ser explorado de acordo com o grau de maturidade de cada um.

Um exemplo disso é quando a mãe consegue proporcionar a seu filho a gradual experiência de onipotência e o começo de seu lado criativo a partir do que o autor define por objeto transicional⁷. Pode ser um pedaço de pano, um cobertor, uma fita de cabelo da mãe, etc. Esse é o primeiro símbolo que faz o papel de representação de confiança na união do bebê e da mãe baseada na experiência de confiabilidade e capacidade da mãe em saber que seu filho necessita de uma identificação com tal símbolo. O objeto foi criado pelo bebê, isso é um sinal bastante precoce de seu senso de criatividade. Mas tudo tem determinado grau e limite. Algumas crianças são obrigadas a crescer numa atmosfera intensamente criativa, o que as sufoca e elas param de ser ou desenvolvem alguma técnica de isolamento.

A mãe sabe qual o primeiro objeto que o bebê ama – uma ponta do cobertor ou um brinquedo macio – pois para ele, isso constitui quase uma parcela do seu eu e se for retirado ou lavado, as consequências serão desastrosas. Quando o bebê principia a ser capaz de arredar essas e outras coisas (esperando que elas sejam apanhadas e devolvidas, é claro) a mãe já sabe que chegou o momento em que poderá começar a afastar-se e a voltar com a anuência do filho (WINNICOTT, 1977, p.81).

Quanto mais observarmos, tanto mais concluímos que se educadora e educando estão convivendo de um modo saudável, encontram-se empenhados num sacrifício de espontaneidade e independência, isso é um grande fator de criatividade no processo educativo. Mas, além da criatividade, a criança necessita de um ambiente seguro e acolhedor proporcionado pela escola tanto quanto o ambiente em casa.

Muitas coisas são importantes para a criança, como sentir-se segura e acolhida no ambiente escolar, utilizando este novo espaço para ampliar suas relações sociais e afetivas, estabelecendo vínculos com as outras crianças e adultos ali presentes a fim de construir uma imagem positiva sobre si mesma e sobre os outros, respeitando a diversidade e valorizando sua riqueza.

⁷ Com o termo *transicional* Winnicott situa um objeto cuja natureza provém de um deslocamento da relação com a mãe e que se situa entre a atividade do bebê de sugar parte de seu próprio corpo e um vínculo estabelecido com algum objeto exterior. É concebida como uma área de transição entre o erotismo oral e a relação de objeto que pode ter início a partir de quatro meses e se estender a um ano, embora em algum momento posterior da vida possa ser retomada.

Também é importante fazer a criança se tornar cada vez mais capaz de desenvolver as atividades nas quais se engaja de maneira autônoma e em cooperação com outras crianças e adultos. Desta forma, desenvolve a capacidade de começar a coordenar pontos de vista e necessidades diferentes das suas, socializando-se. Trata-se de fazer com que a criança interaja com seu meio ambiente (social, cultural, natural, histórico e geográfico) de maneira independente, alerta e curiosa, aguçando a capacidade de criatividade. Isso pode ser oferecido estabelecendo relações e questionamentos sobre meio ambiente, os conhecimentos prévios de que dispõe suas ideias originais e a aceitação de novas informações que gradativamente irão sendo recebidas. E mais, o educador deve obter conhecimento dos mais diferentes tipos de linguagem construídos pela humanidade (oral, escrita, matemática, corporal, plástica e musical), de acordo com a capacidade do educando e sua necessidade. Também pode utilizá-las para expressar seus pensamentos e emoções, a fim de compreender e comunicar-se com outras crianças e adultos de seu grupo ou de outros grupos que ela tenha acesso em sua escola maternal.

Desta forma, a educadora deve atuar de maneira extremamente próxima às crianças, sendo uma mediadora para que alcancem os objetivos propostos. E, também, avaliar o desenvolvimento do grupo onde atua e de cada criança, em particular, sem, porém, jamais compará-las umas às outras, compreendendo que cada uma delas carrega histórias de vida e ritmos de desenvolvimento próprios. Portanto, cabe ressaltar o que significa a escola maternal para Winnicott: uma extensão das relações afetivas e sociais da criança na qual pode sentir-se a vontade para explorar seu mundo de tal maneira sem sentir tanto o impacto da ausência materna, e também perceber que é importante essa socialização com outros.

Na prática, para Winnicott, toda a criança que frequenta a escola maternal, é de alguma maneira ou de outra, um bebê que necessita da assistência materna (ou paterna). E assim como pode ter havido em casa algum fracasso maternal e ter oportunidade de corrigi-lo, a escola tem de passar as mesmas oportunidades a ela, de possivelmente ocorrer fracassos e ter a oportunidade de corrigi-los também, sempre que não sejam muito graves.

A escola maternal para Winnicott tem funções bastante importantes, como exemplo, o fornecimento por algumas horas diárias de uma atmosfera emocional que pode não ser tão densa como a do lar. Isso acaba propiciando à criança uma pausa para seu próprio desenvolvimento pessoal. A escola é um apoio e não uma alternativa de lar para a criança, mas pode fornecer oportunidade para uma profunda relação pessoal com outras pessoas que não somente os próprios pais. Isso se apresenta na figura da professora e das outras crianças

criando uma tolerância e estruturas mais sólidas, em que as experiências possam ser realizadas de maneira tão saudável quanto em sua própria casa somente com sua família.

O que o educador (a) da escola maternal deve propiciar são condições para o que é intermediário entre o sonho e o real. No setor das histórias, desenhos e música, a escola consegue fornecer essa relação intermediária à criança. É neste setor que a escola pode fomentar o enriquecimento e ajudar a criança a encontrar uma relação operante entre as ideias que são livres e o comportamento que precisa tornar-se relacionado com o grupo.

Ao ver o ser humano que existe no filho, a mãe habilitou gradualmente a criança a estruturar-se como personalidade, a buscar de dentro de si sua integração até constituir uma perfeita unidade. Assim afirma Winnicott:

A capacidade da criança para sentir que o corpo é um lugar onde habita a psique não poderia desenvolver-se sem uma técnica coerente de tratamento, e quando a escola maternal continua a propiciar um meio físico e a assistência corporal à criança, está desempenhando uma tarefa básica de higiene *mental*. (WINNICOTT, 1977, p. 220).

Partindo do princípio de que a escola maternal prolonga (funciona como extensão) em certas direções a função do bom lar, o educador que exerce funções nessa escola naturalmente aprende alguns atributos e deveres da mãe para o período escolar, sem procurar descobrir, porém, as suas próprias necessidades de desenvolver vínculos emocionais maternos. O dever do educador, para Winnicott é, antes de tudo, manter, fortalecer e enriquecer as relações pessoais da criança com a própria família, apresentando gradativamente a elas um mundo mais vasto de oportunidades. Portanto, desde o momento da entrada da criança na escola maternal, relações sinceras e cordiais entre educador e mãe servirão para suscitar sentimentos de confiança na mãe e conseqüentemente, tranquilidade na criança. Se forem bem estabelecidas tais relações, o educador será auxiliado a localizar e compreender tais perturbações em suas crianças.

O ingresso em uma escola maternal é uma experiência social exterior à família, mas também é geradora de inquietações na mãe, que pode bloquear em determinadas circunstâncias as necessidades infantis de oportunidade de desenvolvimento além do âmbito familiar e pensar que essa necessidade resulta mais de sua própria inadequação de que do desenvolvimento natural da criança.

Tais problemas que surgem ao adentrar a escola maternal são exemplos de como durante o período em que a criança a frequenta, o educador tem uma dupla responsabilidade: dar assistência à mãe em sua descoberta das próprias potencialidades maternais e assistir a criança para que ela supere alguns inevitáveis problemas psicológicos com que o ser humano em desenvolvimento se defronta.

As escolas de educação infantil de hoje possuem didáticas pedagógicas distintas umas das outras, não tanto das escolas maternais referidas por Winnicott. O que tem de ser levado em conta são as práticas que mudam gradativamente, apesar de muitas permanecerem.

Mas o que gostaria de explicitar é se isso traz mais pontos positivos ou negativos para o educador, para os pais e, principalmente, para essa criança, ainda tão pequena, com muita coisa a ser aprendida. Antes de esclarecer qualquer questão, ainda penso que apesar de toda e qualquer prática que vir a entrar no mundo da criança, por mais benéfica que possa ser não deve, nunca, interromper o desenvolvimento natural dos pequeninos em construção de personalidade e identidade com o mundo, acreditando que tudo deve ser apresentado de uma maneira em que se “some” conhecimentos a sua vida, sem corromper seu desenvolvimento natural e individual. Esse “somar”, no sentido de “agregar”, deve ser vivenciado naturalmente na medida em que o mundo vai sendo apresentado gradativamente à criança, sem lhe impor aprendizados treinados.

Mas para que se proporcione o desenvolvimento natural na vida da criança a aceitação dos pais e a reflexão das atitudes e sentimentos é que exprimem mais uma oportunidade de se expressarem livremente. Isso é muito importante no estabelecimento de relações entre pais e professores.

Para proporcionar o desenvolvimento natural da criança na vida escolar, deve ocorrer um processo saudável desde o estágio da mãe suficientemente boa até a entrada da criança à escola. Esse é um dos caminhos que asseguram um desenvolvimento natural da criança quando está na educação infantil. Uma professora psiquicamente saudável é capaz sim de proporcionar um desenvolvimento natural a seu aluno, mesmo que não tenha sido mãe ainda, pois como já falamos, ela carrega instintivamente lembranças de quando foi um bebê.

Portanto, para que ocorra uma “educação natural”, Winnicott diz que a educação entre os pais e a criança deve imitar a natureza, ou seja, naturalmente ela vai sendo inserida no mundo sem inculcar-lhe deveres. Após ter alguns cuidados dispensados dos pais é a professora quem deve proporcionar essa educação que imita a natureza com a criança. Acontece que para Winnicott a primeira educação é fornecida pelos pais, posteriormente é o educador quem irá conduzi-la, por isso, a educação na idade da criança de zero a dois anos

deve considerar as necessidades da criança, mas a professora e os pais não devem impedir a criança de conhecer o mundo físico.

A educação natural para Winnicott é abordada por outro termo “*agir naturalmente*”, ele acredita ser necessário um bom ambiente para que o indivíduo como um todo possa se desenvolver sadiamente. Só que ele não resume o ambiente apenas ao espaço físico, mas a presença ou ausência de outros seres humanos na vida da criança.

Desse modo, como afirma Winnicott, de nada adianta só experiência ou formação de um educador, se a mãe não souber agir naturalmente com a criança. Sobre isso afirma Winnicott (2005 p. IX):

A família possui lugar claramente definido naquele ponto em que a criança em desenvolvimento trava contato com as forças que operam na sociedade. O protótipo desta interação é encontrado na relação original entre criança e mãe, relação essa em que, por vias extremamente complexas, o mundo representado pela mãe pode vir a auxiliar ou impedir a tendência inata da criança ao crescimento.

Winnicott defende, no entanto, que as experiências vividas pela criança na primeira infância podem ajudá-la a crescer com saúde ou podem ser vividas de maneira negativa tornando-a psicologicamente doente. O que de mais importante podemos citar é sua tese sobre tendências inatas. Afirma o autor que cada indivíduo traz consigo um potencial inato para amadurecer. Porém, o fato de essas tendências serem inatas não garantem que realmente vão ocorrer. Tudo depende de um ambiente facilitador da mãe para que forneça cuidados suficientemente bons. Esses cuidados dependem da necessidade de cada criança, pois cada ser humano responde ao ambiente de forma única, apresentando, a cada momento, condições, potencialidades e dificuldades diferentes. Se conseguir passar por essa etapa de cuidados suficientemente bons de maneira saudável, podem ter um desenvolvimento então natural.

Se o bebê conseguir sentir seus primeiros cuidados de maneira segura, vai então conseguir desenvolver-se naturalmente.

Desenvolvendo-se naturalmente (se a criança demonstra segurança e a professora também), irá conseguir com que a professora também forneça as bases na escola maternal para uma forma de educação natural.

Respeitar a criança como criança e tratá-la como tal, para Winnicott e para nós, é indispensável antes de qualquer prática educativa, tanto dos pais quanto do educador, pois ela

(a criança) é única, tem suas características próprias e traços de caráter que podem ser trabalhados sem modificar sua personalidade.

Pensar a importância do brincar nos remete a diversas abordagens existentes, tais como a cultural, que analisa o jogo como manifestação da cultura própria, especificamente a infantil. Também, a abordagem educacional que analisa a contribuição do jogo para a educação, desenvolvimento e/ou aprendizagem da criança; a psicológica, que vê o jogo como uma forma de compreender melhor o funcionamento da psique. Enfim, das emoções e da personalidade dos indivíduos, já que Winnicott pensa que desde o nascimento o bebê se constitui de afetos e emoções. Isso tem de ser explorado naturalmente, de acordo com a tendência à maturidade e formação do *self* de cada indivíduo.

Estudar o que os teóricos deixaram é outro ponto. O que Piaget (1896-1980) queria dizer com o período sensório-motor? E Vigotsky (1896-1934), ao afirmar que o bebê é um sujeito social? Nenhum deles disse que os pequenos precisam aprender a contar ou segurar um lápis. (FERRAZ, 2007, p. 9).

Analisando a passagem de acordo com as idéias do autor, uma proposta pedagógica para um bom fornecimento de ensino deve ter espaço para a formação de valores, a constituição da criança como sujeito, as relações sociais e as questões de vínculo, segurança e afeto. Acreditamos que todos (pais, professores e crianças), devemos ter consciência de que os bebês conhecem o mundo em todas as suas facetas: cheiros, gostos, formas, texturas, sons e só posteriormente vão obter uma organização desse conhecimento.

Devemos ter claro em nossas mentes que eles aprendem praticamente tudo de maneira ativa, tanto na relação com as pessoas, objetos, ambiente, e também com outros bebês ou crianças mais velhas.

O que é necessário de uma boa proposta pedagógica oferecida à criança é a valorização da exploração e da manipulação que a criança faz dos objetos pedagógicos oferecidos pela escola maternal (que já fora comentado). Por isso, acreditamos que estas (escolas maternais) devem investir em materiais que possibilitem isso, como os brinquedos. Mas acima de tudo, deixá-los à vontade para que façam suas escolhas, sabendo se desejam ou não brincar. Isso é essencial ser respeitado, tanto pela família, quando a criança está em casa, ou pelo educador na escola. Além disso, é fundamental entender que não é o educador (professor) que ensina a criança a explorar e escolher. Isso deve acontecer naturalmente. O papel do educador é apenas o de propiciar oportunidades. Daí a importância do ambiente (escola ou casa) para garantir a

interação com segurança e conforto. O educador deve atuar nessa ausência da mãe ou de qualquer membro da família como um mediador, e não somente a família, mas a criança deve sentir segurança nessa pessoa que irá desempenhar tal papel. Isso é fundamental e nuclear para ela.

Assim, a família contribui para a maturidade emocional, permitindo que seus membros se desloquem para convivência social com outras famílias (agrupamentos maiores) e, ao mesmo tempo, tenham a oportunidade de se tornar independentes a qualquer momento. Esse fenômeno denomina-se segurança. Reescrevendo as palavras de Winnicott (1990, p. 43) as crianças veem na segurança uma espécie de desafio que as convida a provar que podem ser livres.

Os serviços habitualmente prestados pelos pais para seus filhos são de tal maneira considerados naturais que a grandiosidade dos mesmos é esquecida. Não há outro tipo de relacionamento no qual um ser humano se coloque de forma irrestrita e contínua à disposição do outro. E é nesse aspecto que o educador precisa ser muito dedicado para que se transfiram determinados papéis. A criança sabe que aquela pessoa não é sua mãe ou pai, mas precisa sentir-se cuidada e segura para viver saudavelmente e naturalmente no momento da ausência da família na escola maternal. Atualmente, de acordo com Winnicott, a educação primária deve constituir-se em um contexto de desenvolvimento que seja um prolongamento do contexto familiar.

Para dar continuidade ao assunto, são necessários alguns comentários preliminares sobre os papéis respectivos da mãe (ou família) e da professora da escola. Assim como afirma Winnicott (1977, p.215) que a mãe não precisa ter uma compreensão intelectual de sua tarefa, uma vez que está preparada para a mesma, em sua essência, pela orientação biológica em relação ao seu próprio bebê. Ela foi um bebê, portanto, tem instintivamente a noção de como conduzir os cuidados principais, sem precisar, de um “manual” de orientações de como ser mãe.

Fica claro, segundo o autor, que a mãe não precisa “estudar” o fato de ser mãe, isso está no seu inconsciente e a partir do momento em que se torna tal, ela sabe se tiver uma conduta de sua psique sadia, pode ter uma devoção ao bebê de seu conhecimento autoconsciente que a torna suficientemente boa para obter pleno êxito nas primeiras fases da criação do filho. Portanto, não cabe à escola minimizar esta vida afetiva, mas sim ampliá-la criando um ambiente sócio afetivo saudável para a criança na escola.

A partir daí vamos abordar um conceito muito explorado na leitura Winnicottiana que é o conceito do brincar. Para Winnicott a criança manifesta muito de sua vida sentimental e

consegue estruturar sua vida social através da brincadeira e do jogo. Mas este já é assunto do próximo capítulo.

3- A BRINCADEIRA E O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA.

Segundo Sillamy (1998, p. 38), o brinquedo é definido como objeto utilizado pelas crianças para se divertirem. Os brinquedos são o suporte do desenvolvimento intelectual motor das crianças e os auxiliares dos pais.

A partir dessa definição pretendo tratar agora da brincadeira como forma da professora se inserir no mundo da criança, como amiga, oferecendo as bases de uma relação de confiança entre ambos. O papel assumido pela professora que queremos defender aqui seria, de acordo com o pensamento de Winnicott, de uma amiga calorosa, (será como o esteio principal da criança fora de casa), e também uma pessoa resoluta e coerente em seu comportamento para com a criança, discernindo suas alegrias e mágoas pessoais, tolerante com suas incoerências e apta para ajudá-la em momentos de necessidades especiais. Em contraste com a mãe, o papel do educador é o de possuir conhecimentos técnicos resultantes de seu treino e de uma atitude de objetividade em relação às crianças que estão no momento sob seus cuidados.

Nos anos pré-escolares, a brincadeira é um meio fundamental para a criança resolver os problemas emocionais que fazem parte do desenvolvimento. A brincadeira é também um dos métodos característicos da manifestação infantil – um meio para perguntar e para explicar. A professora precisa de uma compreensão intuitiva desses fatos, se quiser auxiliar a criança nos problemas penosos que inevitavelmente existem, os quais os adultos tantas vezes ignoram, e ela necessita que a ajudem a desenvolver e usar essa compreensão do significado da brincadeira na criança em idade pré-escola” (WINNICOTT, 1977 p.22).

A fim de dar um lugar ao brincar, Winnicott postulou a existência de um espaço potencial entre o bebê e a mãe. Segundo ele, a brincadeira é universal e é própria à saúde, pois o brincar facilita o crescimento e, portanto, a saúde. O brincar também conduz aos relacionamentos grupais.

O bebê e o objeto estão fundidos um no outro. Posteriormente, esse objeto é repudiado, aceito de novo e objetivamente percebido. Esse processo complexo é altamente dependente da mãe ou figura materna preparada para participar e devolver o que é abandonado. Se a mãe pode desempenhar esse papel por certo tempo, sem permitir impedimentos, o bebê adquire certa experiência.

Através da teoria da brincadeira proposta por Winnicott podemos descrever a sequência de relacionamentos sobre o processo de desenvolvimento, examiná-los e ver a que lugar pertence o brincar.

A brincadeira é extremamente excitante. Compreenda-se que é excitante não primariamente porque os instintos se acham envolvidos; isso está implícito. A importância do brincar é sempre a precariedade do interjogo entre a realidade psíquica pessoal e a experiência de controle de objetos reais. É a precariedade da própria magia, magia que se origina na intimidade, num relacionamento que está sendo descoberto como digno de confiança. Para ser digno de confiança, o relacionamento é necessariamente motivado pelo amor da mãe, ou pelo seu amor-ódio, ou pela sua relação de objeto, não por formações reativas. Quando um paciente não pode brincar, o psicoterapeuta tem de atender a esse sintoma principal, antes de interpretar fragmentos de conduta (WINNICOTT, 1975, p.71).

O próximo passo é de a criança ficar sozinha na presença de alguém. Agora, então, a criança está brincando com base na suposição de que a pessoa a quem ama (que pode agora então ser transferida para a figura da professora), e que, portanto, é digna de confiança, e lhe dá segurança, está disponível e permanece disponível quando é lembrada, após ter sido esquecida. Essa pessoa, que tanto pode ser a mãe ou a professora é sentida como se refletisse de volta o que acontece no brincar. Agora então, podemos dizer que a criança está ficando pronta para o estágio seguinte, que é permitir e fruir uma superposição de duas áreas de brincadeira. Em primeiro lugar, é a mãe quem brinca com o bebê e posteriormente a criança vai deixando outras pessoas fazerem parte de seu universo lúdico.

Mais cedo ou mais tarde, entretanto, a professora introduz seu próprio brincar e descobre como é variada a capacidade da criança de aceitar ou não a introdução de ideias que não lhes são próprias. Dessa maneira, está preparando um brincar para um conjunto de relacionamentos.

Em um relato de Axline (1990,p.9) exemplifica que o jogo é meio natural de auto-expressão e uma oportunidade dada à criança de se libertar de seus sentimentos e problemas através do brinquedo, da mesma forma que, em certas formas de terapia para adultos, o indivíduo resolve suas dificuldades falando.

Parece haver uma força dentro de cada indivíduo que luta continuamente para uma completa auto-realização. Essa força pode ser caracterizada como uma corrida para a maturidade, independência e auto-direção (crescimento).

O crescimento é um processo de mudança em espiral e experiências mudam a perspectiva e o foco do indivíduo. Exemplo: uma criança geralmente perdoa depressa e esquece as experiências negativas, a menos que as condições sejam extremamente ruins, ela aceita a vida como a encontra. Ela manifesta de todas as maneiras, avidez, curiosidade e um grande amor pela vida que a encanta nos seus mais simples prazeres.

Para justificar isso é que o educador vai usar a brincadeira como oportunidade de oferecer à criança poder crescer e amadurecer sob melhores condições. Sendo o brinquedo seu meio natural de auto-expressão lhe é dada a oportunidade de, brincando, expandir seus sentimentos acumulados de tensão, frustração, insegurança, agressividade, medo, etc. Sendo assim, os brinquedos auxiliam o processo de amadurecimento, pois é o meio natural de auto-expressão da criança. Brincar livremente é para ela uma expressão do que quer fazer, podendo ela própria orientar seu mundo. E quando o faz livremente sem ser “dirigida”, está expressando sua personalidade e experimentando um período de pensamento e ação independentes. Também está liberando sentimentos e atitudes que desde há algum tempo vem lutando para sair em “campo aberto”, pois a criança mora em um mundo só seu e poucos são os adultos que a compreendem realmente. A vida moderna é tão agitada e opressora, que fica difícil, para a criança, estabelecer com os adultos o relacionamento íntimo e delicado que é necessário à compreensão do que se passa em seu interior. Muitas pessoas tentam explorar sua personalidade e, assim, ela defende a sua identidade. Mantém-se de lado, divertindo-se com coisas que para ela são muito mais interessantes e importantes.

3.1- O brincar como a atividade criativa em busca do eu (*self*).

É talvez apenas no ato do brincar que a criança frui sua liberdade de criação. Essa importante característica do brincar será examinada aqui por nós como o desenvolvimento do conceito de fenômenos transicionais e leva em conta também um paradoxo que precisa ser aceito, tolerado e não solucionado- e é o que constitui a parte difícil da teoria do objeto transicional.

Outro pormenor da teoria refere-se à localização do brincar na vida da criança. A importância desse conceito reside em que, enquanto a realidade interna possui uma espécie de localização na mente, no ventre, na cabeça ou em qualquer outro lugar dentro dos limites da personalidade do indivíduo e enquanto a chamada realidade externa está localizada fora destes

limites, o brincar e a experiência cultural podem receber uma localização caso utilizemos o conceito do espaço existente primeiramente entre mãe e bebê e posteriormente na escola maternal.

Não se pode fazer uma descrição do desenvolvimento emocional do indivíduo inteiramente em termos de indivíduo, mas considerando que em certas áreas, aqui especificamente ao brincar, talvez o comportamento do ambiente faz parte do próprio desenvolvimento pessoal do indivíduo e portanto tem de ser incluído.

Se a professora não pode brincar, então ela não se adequa ao trabalho. Se é a criança que não pode, então algo precisa ser feito para ajudá-la a tornar-se capaz de brincar [...]o brincar é essencial porque nele a criança manifesta sua criatividade (WINNICOTT, 1975, p. 80).

Nosso interesse aqui em abordar esse tema também está centrado na busca do eu (*self*). Aqui, com Winnicott, insisto em que certas condições se fazem necessárias, se é que se quer alcançar sucesso nessa busca. Essas condições estão associadas àquilo que é geralmente chamado de criatividade. É no brincar que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integralmente. Portanto, somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (*self*).

Ligado a isso, temos o fato de que somente no brincar é possível a comunicação entre a criança na idade de zero a dois anos e a professora, exceto a comunicação direta, que pode pertencer a um extremo de imaturidade. Para auxiliar seus alunos, cabe a educadora explorar sobre as próprias criatividades de seus alunos. É como olhar um bebê nos estádios primitivos e passar a olhar a criança que tenta construir algo.

Nessa busca do eu (*self*), a pessoa interessada (no caso a criança) pode ter produzido algo valioso em termos de arte, mas um artista bem sucedido pode ser mundialmente aclamado e, no entanto, ter fracassado na tentativa de encontrar o eu (*self*) que está procurando. O eu (*self*) realmente não pode ser encontrado no que é construído com produtos do corpo e da mente, por mais valiosas que essas construções possam ser em termos estéticos e de impacto.

3.2- O significado do brincar na vida da criança.

Por que as crianças brincam? A maioria das pessoas diria que as crianças brincam porque gostam de fazê-lo e isso é um fato indiscutível. As crianças têm prazer em todas as experiências de brincadeira física e emocional.

É comum dizermos que as crianças “dão escoamento ao ódio e à agressão”, Winnicott, (1977, p. 161) nas brincadeiras, como se a agressão fosse alguma substância má que fosse possível uma pessoa livrar-se. Mas é mais importante afirmar essa mesma ideia dizendo que a criança aprecia concluir que os impulsos agressivos podem exprimir-se num meio conhecido, sem o retorno do ódio e da violência do meio para a criança. Um bom meio ambiente sentiria a criança, deveria ser capaz de tolerar os sentimentos agressivos se estes fossem expressos de uma forma mais ou menos aceitável. Devemos aceitar a presença da agressividade na brincadeira da criança.

Conquanto seja fácil perceber que as crianças brincam por prazer, é muito mais difícil para as pessoas verem que as crianças muitas vezes brincam para dominar angústias, controlar ideias ou impulsos que conduzem à angústia se não forem dominados.

Contudo, o resultado prático é importante, dado que, enquanto as crianças brincam por prazer, podemos pedir a elas que parem de brincar, pois a brincadeira lida com esses sentimentos (de angústia e de ansiedade), não podendo desviar dela, as crianças, sem lhes causarmos aflição, angústia real ou novas defesas contra a mesma.

A criança adquire experiência brincando, e a brincadeira é uma parcela importante da sua vida. Logo que adentram ao contexto escolar as crianças brincam sozinhas ou com a professora, as outras crianças não são procuradas imediatamente como companheiras. É em grande parte através da brincadeira, em que as demais crianças são ajustadas a determinados papéis preconcebidos, que uma criança começa a permitir às outras que tenham uma existência independente.

Tal como alguns adultos fazem amigos e inimigos facilmente no trabalho, enquanto outros podem sentar-se numa casa de pensão durante anos e nada mais fazer senão cogitar porque será que ninguém parece dar-se conta deles, assim as crianças fazem amigos e inimigos durante as brincadeiras, ao passo que não lhes é fácil conseguí-los fora disso. A brincadeira fornece uma organização para a iniciação de relações emocionais e assim propicia o desenvolvimento de contatos sociais (WINNICOTT, 1977, p. 163).

O adulto, porém, dentre esse esquema todo compreende a brincadeira muitas vezes de uma forma diferenciada, não compreendendo seu exato valor na formação individual. Ele, porém acha que a criança tem direito de brincar porque é criança, enquanto que ele possui esse mesmo direito porque trabalha. O jogo da criança, para ele, costuma ser uma atividade desvalorizada, característica da infância, ainda não responsável.

Uma criança brincando pode querer tentar mostrar, pelo menos, uma parte tanto de seu interior quanto de seu exterior a pessoas escolhidas no meio ambiente. A brincadeira pode tender “ser uma prova de fraqueza e probidade sobre a própria pessoa”, tal como o vestir pode ser para o adulto. Isso pode ser convertido, nos primeiros anos, num caso oposto, visto que o brincar, como o falar, nos foi concedido, como é costume dizer para ocultar os nossos pensamentos, se é aos pensamentos mais profundos que nos referimos.

As crianças ainda muito pequenas tem esse desejo de comunicar-se através das brincadeiras, essa é sua maneira de expressão como o falar do adulto

Erikson *apud* Lebovici (1983, p.30) distingue três fases na evolução dos jogos na criança:

- 1- No início, o desenvolvimento se dá na “auto-esfera” (sozinha), que seria por onde a criança explora sensações extras ou interceptivas relacionadas com seu corpo ou com as pessoas que se ocupam de seus cuidados corporais.
- 2- Posteriormente, a criança faz uso de pequenos jogos interpretativos, mediante os quais exterioriza suas fantasias (quando brinca sozinha ou com poucas pessoas).
- 3- Quando ela tem a possibilidade de brincar com outras crianças, utiliza meios para demonstrar suas relações de seu convívio social ou familiar abordando assim o processo de socialização.

De acordo com essas fases tratarei agora de mostrar como o adulto (professora) intervém no brinquedo da criança, e qual o significado que a criança dá ao brinquedo, em suas relações com ela.

Definir a atitude dos adultos frente à criança que joga é uma tarefa difícil. Porém, o adulto considera que a criança que não se dedica a tarefas sérias pode jogar, sendo visto o jogo como uma atividade de não-trabalho, reservada para um semelhante muito deslocado e que não tem nenhuma responsabilidade. Muitas vezes tivemos a oportunidade de presenciar casos em que a criança só tem direito a jogar depois de terminar suas tarefas escolares.

Na melhor das hipóteses, os pais querem proporcionar valores pedagógicos à atitude dotada diante dos jogos e brinquedos da criança e segundo LEBOVICI (1983,p.38) se jogar é uma função natural e indispensável para a vida da criança, velar para que o jogo não se degenere, para que conserve seu valor formativo, é incumbência dos educadores.

Podemos classificar o brinquedo em três tipos diferentes a seguir:

- O brinquedo completamente pronto, simples ou mecânico (carrinhos e seus derivados);
- Os brinquedos feitos aos poucos, que a própria criança deve completar (quebra-cabeças, etc.);
- Materiais de jogo (argila, etc.).

O objetivo principal é chegar a que a criança brinque realmente, consiga efeitos, construa, faça combinações, crie. Que leve até o fim o que começou, talvez sendo necessário determinar o nível de interesse, que corre risco de se diluir e que compreenda a utilidade de cada brinquedo e que cuide deles.

Ocorre-nos então, que as teorias sobre o brincar e o jogo, propostas em nossa cultura, que se baseiam na suposição de que também nas crianças o jogo está definido pelo fato de que não se trata de um trabalho, constituem tão somente um dos múltiplos prejuízos pelos quais excluimos as crianças de uma precoce fonte do sentimento de identidade.

Contudo, como várias vezes se pode ver, o brinquedo é um tipo de relação com o adulto. Por essa razão, não só expressa as possibilidades que a criança tem de se opor à sua dependência e de adquirir certa autonomia, mas também simboliza ou expressa uma reação positiva quando demonstra que pode ser uma das formas mais variadas e construtivas de relacionar-se com o adulto.

3.3- O lúdico na vida escolar da criança.

Se formos encarar como positivo o lúdico na vida da criança, podemos então dizer que o jogo é o meio natural de auto-expressão da criança, pois é dada uma oportunidade a ela de se libertar de seus sentimentos e problemas através do brinquedo.

Há muitas fontes de informação a respeito da estrutura básica da personalidade do indivíduo, porque este é um dos mais intrigantes, senão desconcertantes aspectos do ser humano.

Aplicando o brincar no grupo se percebem muitas coisas pela professora, como a experiência de grupo parece acelerar o sentimento de permissividade da criança. Cada criança obtém do grupo um sentimento de segurança. À medida que cada uma delas dá um passo à frente, as outras ganham a coragem necessária para prosseguir em suas atividades, observando a bem sucedida manipulação do ambiente por esse membro do grupo. O período de exploração da situação é mais ou menos encurtado, pois cada indivíduo dentro do grupo avalia o grau de permissividade da situação, direta e indiretamente. Pois assim como Axline (1990, p.89) uma criança que tenha sido muito inibida em suas ações e que tenha medo de confusão ou sujeira pode sentir-se tentada a brincar com a pintura de dedo, que parece dar tanto prazer a seus colegas.

Portanto, uma professora cuja mente seja composta de ansiedade, medos e frustrações, não pode ensinar satisfatoriamente. A educação coloca uma ênfase toda especial na aceitação da criança como ela é e no encorajamento da auto-expressão.

Parece à Winnicott que o único fator realmente importante no estabelecimento de uma saúde mental no contexto escolar é o relacionamento estabelecido entre a professora e seus alunos.

Para que haja essa boa relação é necessária a liberdade para que a professora e a criança sejam elas mesmas, através da compreensão, da aceitação, do reconhecimento de sentimentos, da maneira de tornar claro o que a professora está pensando e sentido que ajuda a criança a adquirir auto-respeito. Neste contexto, as possibilidades de crescimento e mudança são cada vez maiores, à medida que as crianças desenvolvem suas ideias. Como afirma Axline:

“O que há de mais interessante a respeito desse tipo de comportamento se refere aos diversos usos que lhe podem ser atribuídos. Parece ser esse um pré-requisito para qualquer desenvolvimento satisfatório. As implicações para esse tipo de contato (que é também a base de um contato terapêutico) nas práticas educacionais, são enormes” (AXLINE, 1990, p.132).

Assim como Winnicott, Axline pensa na relação entre a professora e a criança, e vem reforçar ainda mais o que falamos em relação ao sentimento desta e seus alunos. Um sentimento de amizade e calor humano por parte da professora estabelecerá esse tipo de contato entre a criança e ela e parecerá individualizar o ensino, muito embora haja outras crianças dentro da sala.

Sendo assim, a professora aceitará cada criança exatamente como ela é. Quando uma professora aplica princípios para a livre expressão, adiciona algo que é de grande importância para a criança. Só a livre expressão não basta em si mesma, para trazer à criança suas próprias ideias. A professora fica alerta para reconhecer os sentimentos que a criança está expressando e deve refleti-los de volta para que a própria criança vá amadurecendo seu comportamento. É nesse sentido que o autor fala que a brincadeira ajuda a criança a construir suas regras, de modo livre e autônomo.

Esse termo (lúdico) seria qualquer atividade que o educador utilize e dê prazer ao educando e que as crianças tenham espontaneidade em executá-lo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O presente desfecho da pesquisa tem por objetivo fazer uma análise comparativa dos resultados obtidos nos três capítulos apresentados com exemplos do que atualmente ocorre com o ingresso da criança à escola maternal. O objetivo é tentar fazer uma demonstração para verificar os aspectos positivos que a criança obtém através de seus bons cuidados e o ingresso na escola maternal, segundo as ideias de Winnicott. Para isso foi necessário abrir uma discussão sobre o que Winnicott fala da relação entre o bebê e a mãe nos primeiros meses de vida e, posteriormente, o ingresso da criança na escola maternal e o que queremos demonstrar de relevante. Os primeiros cuidados maternos são, de acordo com o autor, importantes para esse ingresso à escola? E outra questão explorada é: quais os aspectos positivos que o ingresso da criança à escola traz para ela e sua família em relação a seu desenvolvimento?

Winnicott, assim como quero defender, afirma que os alunos não são pacientes em relação ao professor, pelo menos enquanto este está ensinando tal como seriam pacientes de um médico. Em seus tratos com a profissão docente, como podemos considerar a relação de grandes massas de crianças a serem educadas?

Aprender, é uma atividade construída sobre a égide de uma relação familiar saudável e segura. Já que Winnicott considera que a família é um bom componente indispensável na boa estruturação psicológica da criança, será que ela por si só assegura o desenvolvimento saudável da criança?

É importante evidenciar que na educação infantil a criança é desafiada e incentivada a conhecer o novo estando mais propensa a conhecimentos diferentes, sendo a infância o período da vida em que a criança descobre aos poucos o mundo ao seu redor, porém ela depende das pessoas que a cercam diretamente para adquirir esse conhecimento. Por esta razão, as atividades propostas pela educadora de educação infantil devem potencializar a atividade do aluno ao invés de limitá-la. É nesse momento que a mediadora transmite à criança o material concreto a fim de que sejam construídas as qualidades psíquicas e o alicerce de sua personalidade, para que posteriormente adquira uma consciência crítica. A meu ver essa é uma das práticas que deixa evidente os subsídios de positividade no interior da instituição educacional que não são ressaltados na sociedade. Para melhor justificar essas ideias, posso complementar considerando a aprendizagem como profundamente social, concordando com o pensamento de Winnicott na relação dos pais no momento em que afirma que quando os pais ajudam e orientam a criança desde o início de sua vida, dão a ela uma

atenção social mediada, e assim desenvolvem um tipo de atenção voluntária e mais independente, que ela utilizará na classificação e organização de seu ambiente. Tal consideração se baseia no fundamento de que o homem torna-se humano, apropriando-se da humanidade produzida historicamente.

O ingresso da criança na escola maternal tem, nesse contexto, a função de transmitir as experiências histórico-sociais que se modificam no decorrer dos tempos. A aprendizagem, portanto, ganha significado dentro do contexto familiar e social, ainda que os tipos de transmissões de conhecimento sejam individuais.

Assim como Winnicott, acreditamos que um ambiente familiar estável e afetivo contribui positivamente para o bom desempenho da criança na escola maternal, embora não garanta seu sucesso, uma vez que este depende de outros fatores, que não exclusivamente os familiares. Tais pressupostos permitem afirmar que o processo de desenvolvimento do indivíduo, bem como sua aprendizagem, sofre influência direta das mudanças ocorridas na estrutura social.

Assim, a educação oferecida pelos pais considerada como mediadora entre o indivíduo e a sociedade, pode oferecer com o auxílio da professora condições para uma relação ativa, mas não pode deixar de ser analisada fora do contexto das transformações sociais ocasionadas pelas mudanças no sistema produtivo de cada um. A família se modifica através dos tempos, mas em termos conceituais é um sistema de vínculos afetivos em que ocorre seu processo de humanização. No entanto, para que possamos responder aos questionamentos, é importante considerar que por maiores que sejam as modificações na configuração familiar, essa instituição “[...]permanece como unidade básica de crescimento e experiência, desempenho ou falha”(Ackerman, 1980,p.29), contribuindo, assim, tanto para o desenvolvimento saudável quanto patológico de seus componentes. Portanto, de acordo com as diversidades por parte da inserção da mulher no mercado de trabalho, a escola torna-se fundamental, pois a criança precisa mais do que ensino, precisa da transmissão de uma atmosfera afetiva semelhante a do lar.

Podemos situar o papel do educador (professora) para certas crianças na mesma posição de importância do ambiente inicial familiar que esta teve. Daí apontamentos em relação às questões importantes no campo educacional e à necessidade de o ambiente escolar adaptar-se de acordo com o crescimento maturacional de cada criança, buscando contribuir para seu crescimento social. Cabe, pois, ressaltar a importância dos profissionais de educação infantil rever sempre suas práticas, para que o conhecimento elaborado, realmente seja possível à criança, pois acreditamos que esse procedimento possa favorecer e demonstrar a verdadeira

face da educação infantil. De acordo com o que o que pudemos constatar no decorrer da pesquisa é que o autor quer demonstrar que à parte a professora e suas relações com as crianças individuais, suas mães e as crianças como grupo, o ambiente da escola maternal, como um todo, promove importantes contribuições para o desenvolvimento psicológico da criança.

No que tange ao espaço escolar, o educador deve primar pela organização da sala de aula, levando em consideração o posicionamento das classes, a exposição dos trabalhos realizados pelas crianças e a didática utilizada, ao transmitir o conteúdo. Logo, diante destes procedimentos, vale destacar que todos eles estão impregnados diretamente no aprendizado do aluno. Por esta razão, as atividades propostas pela professora de educação infantil, devem, primordialmente, potencializar a aprendizagem do aluno ao invés de limitá-la, e ainda não podem ser fragmentadas, tendo em vista que a criança não consegue fazer certas conexões sozinhas.

É importante evidenciar a educação infantil, pois é nesse período que a criança deve ser desafiada e incentivada a conhecer o novo, pois está mais aberta a um conhecimento diferente. A infância é o período da vida em que a criança descobre aos poucos o mundo ao seu redor, porém, não faz isso sozinha, pois ela depende das pessoas que a cercam diretamente para adquirir esse conhecimento.

Portanto, nos apropriamos das afirmações de Leontinev para tentar justificar o que concordamos com Winnicott na relação entre a escola e a criança.

De acordo com Leontinev (s/d) existem dois círculos de relações que envolvem as crianças. O primeiro com pessoas íntimas, tais como pais e parentes próximos; e o segundo é outro grupo, constituído por todas as relações pessoais e sociais da criança. A professora de educação infantil está inserida no primeiro grupo, mais íntimo e é por isso que é tão significativo para a criança sua relação com a professora. Há que se ressaltar também que são as relações estabelecidas no primeiro grupo que mediarão as que serão estabelecidas no segundo grupo, por meio da mediação destas relações é que o docente (a professora) tem o poder de fazer com que a criança compreenda as mudanças no mundo a sua volta, integrando-a na sociedade, tornando-a um ser social.

Cabe destacar que é durante a infância que o organismo humano mais amadurece, especialmente, o cérebro. É nesse processo que a criança precisa de estimulações e incentivos, cabendo aos pais, e também aos professores assumir esta postura com maior responsabilidade, a fim de proporcionar à criança todas as condições para que melhor se desenvolva.

Essas motivações podem ser utilizadas desde os primeiros meses de vida de uma criança, sendo a fala a grande mentora para que a mesma possa se desenvolver. O contato com objetos que estejam ao alcance das crianças proporciona novas descobertas, sendo estas indispensáveis para a boa formação destas tanto física quanto psicologicamente.

Devido a isso ocorre a necessidade da escola de educação infantil estar bem estruturada, ou seja, atendendo as necessidades das crianças, conforme as diferentes fases de seu desenvolvimento, tornando as descobertas algo concreto em suas realidades. Nesta fase, a professora, trabalhará com seus pequenos explicando, na linguagem deles e comunicando conhecimentos, fazendo perguntas, corrigindo e permitindo-lhes dar sua explicação. Portanto, não deve trabalhar com a ideia de respostas prontas e acabadas. Para Winnicott:

A professora terá também de encarar, no período inicial da criança na escola, uma surpreendente flutuação entre tendências de grande dependência e independência; além de, mesmo nos últimos tempos da idade de frequência da escola maternal, certa confusão entre o que é certo e errado, entre a fantasia e o fato, entre o que é propriedade pessoal e o que pertence a outros (WINNICOTT, 1977, p. 223).

No que tange ao espaço físico de uma instituição educacional, especificamente o pré-escolar, deve ser bem planejado, tendo em vista proporcionar à criança um estímulo para que se desenvolva sadia e corretamente. Toda boa pré-escola precisa de profissionais competentes e responsáveis no desempenho de suas funções, agindo de maneira independente sem se deixar influenciar por políticas educacionais, pela mídia, pelas ordens previamente estipuladas pela escola, pelos comentários de pais e pela preocupação em preparar a criança para o ensino fundamental. Por esta razão, podemos afirmar que a educação infantil não pode ser respaldada apenas pelo estereótipo escolar, em virtude dos profissionais da educação primarem por um trabalho sério. O que o espaço na instituição de educação infantil deve propiciar são condições para que as crianças possam usufruí-lo em benefício de seu desenvolvimento e aprendizagem. Para tanto, é preciso que o espaço escolar seja permeável à sua ação, sujeito á modificações propostas pelas crianças e professora em função da ação desenvolvida.

Nessa fase, portanto, o desenvolvimento psíquico da criança depende basicamente de suas condições reais de vida e da educação recebida, só assim ela consegue assimilar a experiência social. É nesse momento que a mediadora transmite a criança o material concreto a fim de que sejam construídas as qualidades psíquicas e o alicerce de sua personalidade para que posteriormente adquira uma consciência crítica. O educador (a professora), tendo o

intuito de conhecer o desenvolvimento da psique infantil para atuar de forma positiva sobre ela, deve começar analisando o desenvolvimento das atividades nas condições postas pela realidade desta criança. Será, pois, somente assim que poderá perceber as potencialidades que a criança possui, podendo atuar como pedagoga mais consciente, considerando as atividades e atitudes da criança diante da realidade, deixando florescer sua própria consciência.

Minha preocupação maior não é estereotipar um modelo de professora, mas conscientizá-la de sua prática e seu poder, que sendo um sujeito autônomo e desenvolva seu trabalho com responsabilidade, o maior beneficiado será sem dúvida a criança, tendo em vista que ela não é capaz ainda de se julgar e de discernir o que é melhor para sua educação enquanto ainda é pequena. Como sabemos, na educação infantil, ou escola maternal de Winnicott, o que queremos mostrar é que a atividade pedagógica não se caracteriza pela escolarização. Trata-se sim, de promover o enriquecimento das experiências da criança, de um trabalho que oportunize a descoberta do mundo, das relações, dos afetos, dos objetos, da natureza, do próprio corpo, dos movimentos, das possibilidades de expressão da vontade, das impressões. O entorno da criança e o ser pessoa integrada nesse entorno são os grandes e fundamentais conteúdos de uma boa educação infantil.

Mas para que a educadora planeje podendo organizar experiências formativas enriquecedoras e ampliadoras do universo de significação das crianças é preciso que ela pessoalmente tenha construído para si algumas concepções como a de que a criança é sujeito de suas aprendizagens e de seu desenvolvimento, devendo estar, portanto, sempre envolvida em atividades que lhe sejam significativas e prazerosas. Também, as práticas culturais da comunidade são a base sobre a qual todas as experiências da criança podem encontrar significado na instituição escolar. Não se deve esquecer de que a família é co-constructora do trabalho desenvolvido na educação infantil e, por isso, deve estar integrada como parceira na organização de condições de vida e de educação essenciais ao desenvolvimento pleno dos pequenos. Não se deve esquecer, por outro lado, que a educação infantil tem valor em si mesmo como espaço e tempo de vivências fundamentais à formação física, emocional, cognitiva e social da criança, não constituindo momento de preparo para a escola, mas de vida.

Devemos entender também que pode se aprender brincando e descobrindo o mundo por meio de atividades que oportunizem a observação das pessoas, da natureza e das coisas, as vivências coletivas, a possibilidade de expressar sentimentos e saberes. Aprender que em qualquer idade o brincar são formas fundamentais de interação humana, de envolvimento afetivo e, por tudo isso, do desenvolvimento da inteligência e da personalidade.

O que é preciso para família (pais) e a escola é conhecer as regularidades do desenvolvimento da criança para que seja possível organizar intencionalmente as experiências formativas. Também perceber que o necessário à família e à escola são as condições do trabalho para a observação, a escuta, o diálogo e a vivência de experiências ricas que possam ser aplicadas ao trabalho com as crianças e suas famílias.

Tendo em vista a importância da tomada de consciência pela professora desses princípios que devem nortear a educação infantil, pensar as atividades de formação continuada requer sempre mediar a ampliação de experiências significativas ao seu desenvolvimento profissional e pessoal. Por isso, se queremos pessoas que se eduquem pelo brincar, ou pelo brinquedo, expressividade e diálogo, então o trabalho formativo não pode limitar-se a palestras que incrementem o discurso, pois estas muito pouco acrescentam à prática.

O ser humano, criança ou adulto, possui *cem linguagens* (Edwards, et.al.,1999). Desenvolvê-las é humanizar-se, tornar-se pessoa com as mais diferentes possibilidades de apropriação e de expressão da individualidade. É formar a própria personalidade aprendendo a conhecer-se, a conhecer o outro, a compreender o mundo e as suas relações por meio de atividades que demandam o ser sujeito.

A educação infantil tem sido ao longo de muitos anos um tempo voltado ora para uma pedagogia da antecipação ora para uma pedagogia da espera. Se muitos trabalham pela formação cada vez mais cedo, das capacidades exigidas pela escola e num *continuum*, para o mercado de trabalho, outros fazem do trabalho de educar crianças pequenas um lugar de espera por um desenvolvimento que se daria autonomamente.

De uma forma ou de outra, esse tempo e espaço encontram-se aviltados de vivências ricas que humanizem crianças e adultos neles envolvidos.

Compreender que na educação infantil é tempo de viver plenamente o presente e suas descobertas exige novas posturas de professores e crianças. Posturas de valorização da cultura, das múltiplas formas de manifestar sentimentos, saberes, ideias, descobertas e hipóteses. Requer, portanto, que criança e professora tenham, nesse lugar, experiências formativas de conhecimento do outro. Nas palavras de Dalbosco (2007, p.13) “processos pedagógicos relacionam-se com a formação de individualidades autônomas. Nela se descortinam amplamente o conteúdo e as dificuldades da dimensão formativo-educacional do ser humano”.

Segundo o que queremos tornar explícito com essa citação é justificar que os processos de aprendizagem não devem seguir uma “fórmula” mágica no agir com o ser humano, sendo

isso decisivo em sua vida. Portanto, capaz de ação é um sujeito pensante que constitui o mundo e seu próprio *self* na forma da apresentação de um objeto.

O que se quer aqui, é pensar o sujeito humano como um conceito de organismo agente que se constitui socialmente pelo seus gestos e significantes dos mesmos. Por isso, as crianças tem à sua disposição uma forma de fazer catarse, muito mais efetiva que a dos adultos, agora correspondendo ao brinquedo, sendo enfatizados que na primeira infância, os espetáculos não são necessários.

A identificação projetiva constitui o primeiro mecanismo que aparece após o nascimento, pois consiste na projeção de partes de nós mesmos sobre o outro, razão pela qual esse outro ou figura materna é visto como idêntico a nós, ao mesmo tempo em que vivemos como nossos determinados aspectos do outro. Pela identificação, o bebê sente a mãe como formando parte dele próprio.

Portanto, como podemos ver no processo de ensino-aprendizagem, na adentrada da criança de zero a dois anos na escola maternal, a professora desempenha um papel de grande importância, como já visto nos capítulos anteriores. Mais que isso, ela é um elemento imprescindível no processo de desenvolvimento psicológico da criança, posterior à família.

Conforme as palavras de Dorin, (1983, p.165), “o educador é aquele que colabora para com o desenvolvimento da personalidade total do aluno estando mais interessado em ajudar o estudante a se desenvolverem como pessoas bem ajustadas e criativas”.

Assim, conhecer os traços de personalidade que identificam a boa professora de escola maternal e os meios de adquiri-los, ou aperfeiçoá-los, tornam-se as principais tarefas dos que pretendem ingressar na educação infantil e desejam aprimorar-se como educadoras.

Também o que não poderíamos deixar de falar é que a relação das crianças no lar tem importante influência em seu comportamento escolar.

A aprendizagem humana tem as suas particularidades. Os seres humanos dispõem de um sistema de símbolos (palavras) que os animais não possuem e que lhes permite operar num nível qualitativo muito superior àquele dos animais, limitados a resolver problemas utilizando apenas reações motoras e imagens. Portanto, podemos deduzir que certas aprendizagens humanas são similares as dos animais e que outras são específicas de nossa espécie.

Em suma, a aprendizagem é uma consequência do comportamento motivado. E se soubermos quais são os principais motivos que acionam o comportamento de uma criança em cada estágio de seu desenvolvimento biopsicossocial, estaremos preparados para auxiliá-la nos seus esforços em busca da melhor forma de maturidade. Fica ainda em aberto responder

se realmente a escola corresponde ao preenchimento de todos os aspectos da criança, pois essa aprendizagem positiva depende de como foi a atmosfera do lar da criança, bem como a professora (educador), irão conduzir a educação. Devido a estes fatores, não se pode obter resultados precisos na educação nessa faixa etária, o que nos abre um leque de questionamentos para uma continuidade do tema.

REFERÊNCIAS:

ACKERMAN, N. *Diagnóstico e tratamento das relações familiares*. POA: Artes Médicas, 1980.

AXLINE, Virgínia Mae. *Ludoterapia: a dinâmica interior da criança*. Belo Horizonte: Andrade, 1990.

CRUZ, Raimundo José Barros. *Compreensão e diálogo: Contribuições da hermenêutica Gadameriana à educação*. Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo, 2010.

DALBOSCO, C. A. *Pedagogia filosófica: cercanias de um diálogo*. São Paulo: Paulinas, 2007.

DORIN, Lannoy. *Psicologia na Escola*. São Paulo: Ed. Do Brasil, 1983.

EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. *As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emília na educação da primeira infância*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

FERRAZ, Beatriz. Unir Cuidados e Conteúdos. 2007 n.15, p.8-9. beatrizferraz@escoladeeducadores.com.br.

GASPARIM, João Luiz. *Uma didática para a pedagogia histórico-crítica*. 2 ed. Campinas: autores associados, 2003.

LEBOVICI, S. *Significado e função do brincar na criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

LEONTIEV, Alexis. *O Desenvolvimento do psiquismo*. 1. Ed. São Paulo: Moraes, s/d.

LISBOA, Antônio Marcio Junqueira. *O seu filho no dia-a-dia: Dicas de um pediatra experiente*. Vol. 3. Brasília: Linha Gráfica, 1998.

PSICOLOGIA, USP. *Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo*. Vol.18, n. 3 (2007).

REFERENCIAL CURRICULAR PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria da Educação Fundamental, Brasília: MEC/SEF, v.1, 1998.

SILLAMY, N. *Dicionário de Psicologia Larousse*. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SOIFER, R. *A criança e a TV*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

VIGOTSKY, L. S. *O desenvolvimento psicológico na infância*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

WINNICOTT, Donald Wood's. *Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

_____, *A criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1977.

_____. *O Ambiente e os processos de Maturação: Estudos sobre a Teoria do Desenvolvimento Emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

_____, *Natureza Humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

_____. *Tudo Começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *Os bebês e suas mães*. São Paulo, Martins Fontes, 2006;

CIP – Catalogação na Publicação

C824w Corrêa, Fernanda da Silva

Winnicott e a educação natural : a criança e a escola maternal / Fernanda da Silva Corrêa. – 2011.

60 f. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Passo Fundo, 2011.

Orientação: Dr. Claudio Almir Dalbosco.

1. Escola maternal. 2. Psicologia educacional. 3. Educadores. 4. Crianças – Desenvolvimento. 5. Mães e filhos. 6. Winnicott, Donald Woods, 1896-1957. I. Dalbosco, Claudio Almir, orientador. II. Título.

CDU: 37.015.3

Catálogo: Bibliotecária Jucelei Rodrigues Domingues - CRB 10/1569